

SUPLEMENTO

A NOVA POESIA BRASILEIRA

VISTA POR SEUS POETAS



Belo Horizonte, Maio/2013
EDIÇÃO ESPECIAL
Secretaria de Estado de Cultura

Escolha, leitura: um duplo desafio

NÚMERO ESPECIAL ORGANIZADO POR FABRÍCIO MARQUES

“Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”.

Giorgio Agamben

Para compor esta edição especial, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* convidou dezenas de poetas brasileiros contemporâneos para que cada um indicasse não um livro, mas um único poema produzido por autor nascido a partir de 1960. O recorte biográfico tem o objetivo de tentar oferecer ao leitor um painel representativo do que foi produzido sobretudo nas duas últimas décadas pelas novas gerações. O desafio era duplo: escolher um poema memorável e escrever um comentário a respeito do que motivou a escolha.

Responderam ao convite 54 poetas, que escolheram 52 poemas de 40 autores. Essa salada de números é justificada porque um mesmo poema poderia ser escolhido mais de uma vez (isso só aconteceu em duas ocasiões, com poemas de Maurício Arruda Mendonça e de Douglas Diegues), bem como o mesmo poeta poderia ser indicado diversas vezes. Por esse motivo, apresentamos cinco poemas de Carlito Azevedo e três tanto de Claudia Roquette-Pinto quanto de Ronald Polito. Da mesma forma, foram selecionados dois poemas de cada um dos seguintes autores: Ana Martins Marques, Fabio Weintraub, Heitor Ferraz, Fernando Fiorese.

Um texto imprescindível para entender a produção poética contemporânea é “A cisma da poesia brasileira”, um dos ensaios que Marcos Siscar reuniu em *Poesia e crise* (Editora Unicamp, 2010). Nele, Siscar constata que a poesia brasileira publicada a partir dos anos 1980 apresenta, antes de mais nada, algumas marcas da ausência de linhas de força mestras. Contudo, não é que a poesia brasileira tenha perdido

alguma coisa. Na avaliação de Siscar, “é mais pertinente dizer que a poesia se tornou outra coisa, tomando sentido específico em um novo momento histórico. Ao que me consta, seria possível dizer que assistimos hoje a um deslocamento dos critérios pelos quais um poeta pode ser reconhecido como fazendo parte de uma série literária, de sua ‘tradição’. São talvez os próprios valores do Modernismo brasileiro que se abalam, que não são suficientes mais para suportar o sentido do mundo que se abre”.

Quais os valores que estão em jogo, nesta segunda década do século 21? Para Siscar, se valores tais como “nacionalidade”, “subjetividade”, “experimentação”, “novo” etc. não são mais totalmente adequados ao sentido dos projetos dos jovens poetas, estes também não estão em condições de oferecer respostas gerais. “No entanto”, diz o autor, “como se sabe, as situações instáveis (historicamente, poeticamente) são lugares onde a poesia costuma manifestar-se e onde, de todo modo, melhor se manifesta o sentido de sua ligação com o contemporâneo”.

Os comentários e os poemas que os motivaram, publicados em conjunto, sugerem que está viva a poesia produzida nos últimos anos. Para dialogar com essa amostragem poética, convidamos a artista plástica mineira Solange Pessoa, nascida em Ferros. Formada pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg), onde leciona desde 1993, foi premiada no 20º e no 22º Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte. Ganhou bolsa da Fundação Kresner Pollock, 1996-1997. Realizou diversas exposições individuais e participou de mostras coletivas no Brasil e no exterior. Sua exposição mais recente foi *Metaflor-Metaflora*, no Museu Mineiro.

CARLITO AZEVEDO

HOTEL INGLATERRA

1

Hotel
Inglaterra –

não o negro
pórtico,

a escadaria
dourada

ou a gravidade
da insígnia:

dois leões
empinados

(diz-se:
rampantes)

2

se penso
na morte

nem sobre
as lavândulas

à porta o
dulçor da

brisa que
encrespam,

tampouco
o corpo

jacente (e
por terra)

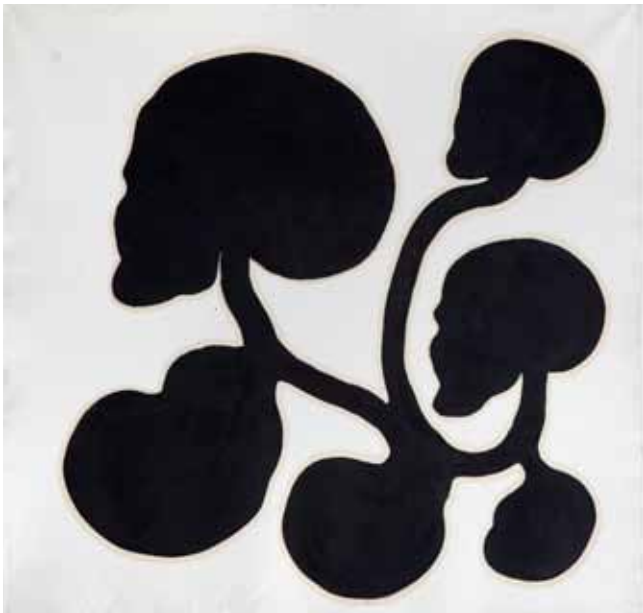
(...)

O POETA E A TABULETA

Há vinte anos saía *As banhistas*, do poeta carioca Carlito Azevedo. O primeiro poema que li deste livro, ao folheá-lo, foi “Hotel Inglaterra”, que logo me impressionou pela emoção e pela ironia que desarma o trágico. Carlito, nascido em 1961, tornou-se uma referência importante de sua geração, não só por sua obra poética, mas também pela edição da influente revista de poesia *Inimigo Rumor*. Ele começou com a publicação de *Collapsus Linguae* (1991), depois vieram *As banhistas* (1993), *Sob a noite física* (1996), *Versos de circunstância* (2001), *Sublunar* (2001) e *Monodrama* (2009), sendo que *Sublunar* é uma espécie de antologia pessoal, mas com organização e unidade muito próprias, o que lhe dá uma certa autonomia dentro do conjunto. Se cito com destaque este livro é porque nele também figura, mas com modificações, o poema “Hotel Inglaterra”.

Sei que poderia ter escolhidos outros poemas mais emblemáticos de sua trajetória até aqui, onde a linguagem pictórica e ao mesmo tempo pedestre tenha atingido sua plenitude, no entanto, sou levado por uma escolha puramente afetiva. Gosto do olhar que sobe e desce pela fachada sinistra do Hotel Inglaterra, onde o poeta russo Sierguéi lessiênin abriu os pulsos com uma navalha, escreveu com sangue um poema de despedida, e se enforcou. Gosto da verticalidade do poema. Carlito nos coloca diante deste prédio e diante do morto para pensar não apenas na morte, mas no impulso suicida, e o perigo de sua farsa. Adorava o final mais irônico da versão incluída em *As banhistas*: “se penso / na morte // apenas / me fala / tua/ tabuleta // na noite / mais clara // – concisa,/ sincera: / Perdão / Não há vagas”. A versão revista pelo poeta em *Sublunar* é bem diferente. Fico com a primeira no coração, pois foi a que me marcou fortemente em certo momento da vida.

Heitor Ferraz Mello



SOBRE "AS METAMORFOSES"

Gosto muito-muito de toda a poesia do Carlito Azevedo. E muitas vezes enquanto leio seus poemas, me parece, é como se escutasse alguém falar repetindo inúmeras vezes as mesmas coisas e imagens de sempre das mais variadas maneiras. E aí, me dou conta, do quanto a sua poesia é uma armadilha de nossa insuficiência, da linguagem àquilo que conseguimos experimentar, do vivido ao mistério etc. Tanto faz se parte da inconstância radical de uma conversa, de um convívio ou de uma anotação de circunstância.

No poema “As metamorfoses”, o anjo boxeador – personagem que passeia por todo o *Monodrama* – observa ao mesmo tempo atos terroristas e um concerto de Martha Argerich. E dá voltas em torno do tempo mínimo do mundo e da precariedade de nossa perspectiva retiniana. Há uma força descomunal nesse poema: olhar as coisas na duração de suas metamorfoses. Georges Braque dizia que só assim libertamos a vida de seu automatismo.

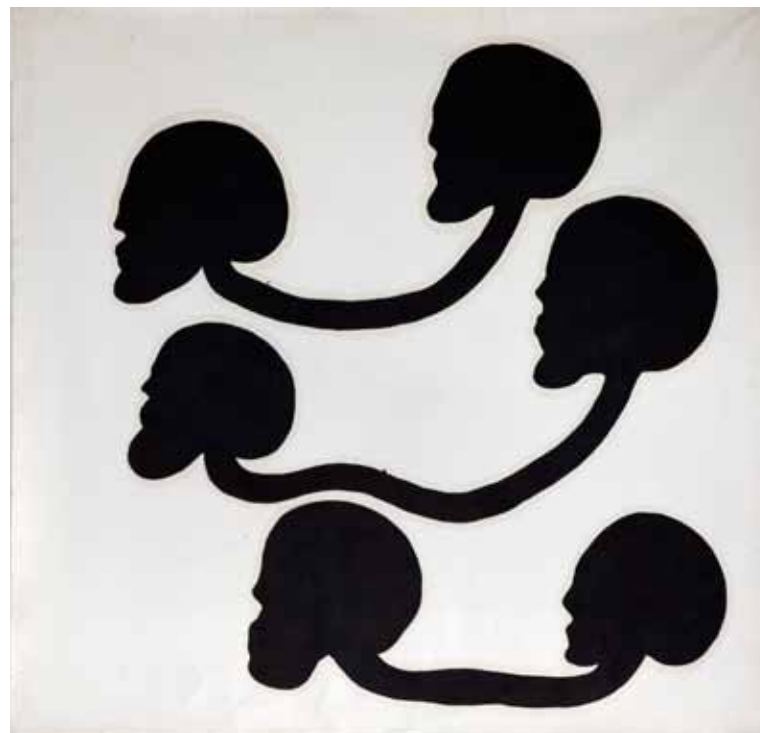
Júlia Studart

AS BANHISTAS

aproxima-te
 agora desta última:
ela
 esta que não está na *tela*:
 ela
 aproxima-te e te detém longamente
 deixa que isso leve toda a vida — também
 cézanne levou toda a vida tentando
 esboçando (obsedado em papel e tinta
 e lápis e aquarela e tela e proto/tela)
 estas banhistas fora d'água como peixes mortos na lagoa
 ou na superfície banhada de tinta
 — uma tela banhada é uma banhista *hélas!* e não usamos mais
 [modelos vivos
 ou melhor
 os nossos dois únicos modelos: a crítica e a língua
 estão mortos
 por isso
 antes de partires daqui para a vida turva
 o torvelinho a turba
 antes de te misturares ao vendaval das vendas
 à ânsia de mercancia
 cola o teu ouvido ao dela:
 escutarás o ruído do mar
 como eu neste instante
 na ilha de paquetá
 ou na
 ilha de *ptyx*?

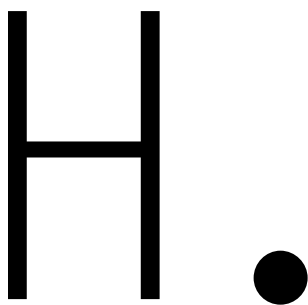
AS METAMORFOSES

(...) Num concerto em homenagem a Witold Lutoslawski, contudo,
 o anjo boxeador logrou perceber diversas metamorfoses da pianista
 Martha Argerich em cervo negro, dia de inverno, borra de vinho, chuva
 de ouro e outros prodígios incontáveis, metamorfoses essas que, en-
 tretanto, não chegaram a durar nem um bilionésimo de nanossegundo,
 o que permitiu que para os outros espectadores aquela bela criatura
 de longos cabelos ao piano continuasse a ser durante todo o transcor-
 rer do concorrido espetáculo a renomada pianista argentina Martha
 Argerich.



Toda leitura é interessada. Trata-se de um truísmo relativamente banal, mas
 que precisa ser lembrado quando se trata de qualificar um interesse parti-
 cular. Não tendo muito simpatia pelas leituras hierarquizantes, prefiro falar
 sobre aquilo que me estimula artisticamente e intelectualmente. Carlito
 Azevedo significa, para mim, um encontro com a dita “poesia contempo-
 rânea”, com suas dicções, seus dramas, seus desafios. Não quero dizer que
 não conhecesse muitos dos poetas que a ilustravam, mas que a poesia e
 a atuação de Carlito, em determinado momento, me ajudaram a abrir uma
 perspectiva de contemporâneo. “As banhistas” talvez não sejam o poema
 que melhor sintetiza as soluções próprias que o autor foi dando à sua es-
 crita, posteriormente, mas é um poema importante e característico de sua
 produção. Composto de seis partes, com várias referências às artes plásti-
 cas, nem por isso o poema se resume ao conhecido diálogo entre poesia e
 pintura. É também um texto cheio de erotismo, que transpõe as banhistas
 de Cézanne para a paisagem carioca, tão cara ao autor, explorando inten-
 samente os recursos da imagem e do corte do verso. A última parte, que
 seleciono, dá testemunho da leitura e do aproveitamento que o autor faz de
 Mallarmé e do último Haroldo (de *A educação dos cinco sentidos*, por exem-
 plo). Após ter descrito algumas banhistas, nas partes anteriores, o poema
 assume ali a ambição de nomear uma “poética” na qual o esvaziamento da
 referência compõe com o drama da história. O ruído do poema é o mar em
 que banham os objetos de nossa atenção; e o tempo, cheio de desejos e de
 lutos, é da ordem de um segredo a que o poeta deve auscultar, antes de se
 deixar arrastar pelo fluxo da “vida”.

Marcos Siscar



III.

Durante o velório beijei sua testa várias vezes, o rosto molhado de lágrimas, mas sem desespero, nem a fixação do teatro do século XVII pelo falso cadáver que desperta. Antes de ser fechado o caixão, dei-lhe ainda um beijo na testa e sussurrei-lhe: "Este é o último, viu? Muito obrigado pela paciência. Te amo." E beijei a lona.

A poesia brasileira dos últimos anos tem nos dado alguns poemas realmente incríveis, que sustentam uma poesia brasileira bela, forte e inventiva, poesia esta que vai contra a ideia tola e alardeada de um "vazio cultural". Seguindo a proposta do SLMG, escolhi aquele que mais me impactou (e ainda impacta) nestas décadas de leitura apaixonada de poesia. O poema que escolhi foi o longo "H.", de Carlito Azevedo, que está no esplêndido *Monodrama* (2009). "H." é um dos poemas da minha vida, não tenho a menor dúvida.

Jamais vou esquecer a manhã que li o livro todo – que havia acabado de chegar pelo correio. Li numa tacada só, como se diz. E quando cheguei a "H.", foi como tomar um nocaute no último round. O poema (como de resto todo o livro), desconfia das muralhas de gênero, da história da poesia, colocando em sua estrutura questões tensas.

São notas de ruína (como diz o próprio poeta) e alumbramento.

Penso no tenso lugar de enunciação desse poema. O luto (e não apenas o luto claro, perceptível, de superfície, mas o luto que, como uma nódoa permanente, vai tingindo toda a existência, um luto político, onde os eventos do mundo são de crise – que é o prato principal do cardápio da vida; e também da morte) é quem conduz a voz fluida do poema que respira entre o niilismo e o encantamento. Tive a sensação de que estava diante de uma força da natureza, tamanha beleza e dor desta magnífica peça. E realmente estava.

Muito difícil falar de um poema tão denso em tão poucas linhas. O que posso dizer é que "H." é um poema transformador, que abre caminhos no meio dos escombros, ventila a existência, e faz com que a vida (com poemas como este) valha a pena e a pane de ser vivida.

Fabiano Calixto

ESTRELAS NÃO

Estrelas não me deixam só no fundo
do menor poço/planeta do universo
e a elas eu remeto cada verso
que do fundo do meu poço/pó aguço

(se debruçam no poço e eu me debruço
na poça para vê-las em reverso
– seu calar agudo, um segundo
cair de gota d'água sobre o mundo)

Em meio à produção dos poetas do momento em questão, nascidos a partir de 1960, é um poema de Carlito Azevedo que me causa a impressão mais forte. Quando o li em 1991, amei o que ainda amo nele, o minimalismo, a inteligência formal, a simplicidade lexical, o silêncio que o poema faz, o preto e branco, a evocação da noite/água, uma quase sensação tátil de algo fresco e límpido, a emoção delicada do minúsculo contemplando o imensurável, que poderia ocorrer em qualquer era remota no passado ou no futuro. O jogo que o poema faz entre concreto e abstrato me pareceu como a proposta mesma da poesia, pelo menos do tipo de poesia que eu queria fazer. Ele sugere uma telescopagem, um reflexo que é simultaneamente uma reflexão infinita sobre o que contém e o que é contido, sobre o modo como se encaixa o sujeito no mundo e o mundo no sujeito. Mas também me entusiasmei porque ali eu encontrava uma espécie de meditação sobre os abismos reversos do *Lance de dados* (então, eu era estudante de literatura francesa) que, ademais, mostrava que aquilo não era exotismo, que é uma experiência que está ao alcance do sujeito no fundo do seu quintal.

Paula Glenadel

TRABALHOS MENTAIS

AMARILDO ANZOLIN

Os trabalhos mentais, sobretudo os referentes à memória, geralmente são expressos pelo fósforo. Mas atribuo-os mais ao fósforo. Poderiam ser pela vela, que pode ser consumida e apreciada aos poucos, sem ordem, só com rito. Penso em isqueiros, contudo assumem caráter plural, nas mãos das plateias de shows de música. A lanterna chega perto, por ser coisa de naufrago ou afogado, portanto desmemoriados. Mas, ainda assim, o fósforo é superior, porque, como a memória, não se repete.

Acompanho o trabalho do curitibano Amarildo Anzolin desde 2004, quando conheci dois de seus quatro títulos publicados até aquele momento: o box composto por livro, CD e VHS *Única Coisa* (2000) e o livro-CD *Eu Também* (2003). Esses trabalhos traziam um diálogo com as vertentes mais vivas e inquietas do passado recente da poesia brasileira, como a poesia concreta, lances do modernismo e da poesia marginal. Além disso, o poeta flertava com poetas de tradições diversas, tais como Dylan Thomas, Herberto Helder, Nick Drake, Augusto dos Anjos e o expressionismo alemão, além da música popular, o cinema e as artes visuais. O resultado era uma poesia ágil, vigorosa, calcada no ritmo da voz e na pulsação do corpo, atenta ao rigor formal sem no entanto se distanciar do aspecto sujo da vida. Seus poemas se desdobravam em textos impressos, vídeos, canções, experimentos sonoros e tipográficos e performances. Em seu trabalho mais recente, *Evite Permanecer Nesta Área* (Terracota, 2012), dá continuidade e amplia o campo de atuação dessa poesia, com poemas de maior fôlego e textos em prosa. Tive o privilégio de acompanhar esse livro desde 2007, quando iniciei o trabalho de criação do seu projeto gráfico, o que me influenciou bastante na composição dos poemas do meu *Mastodontes na Sala de Espera* (2011). Os temas prosaicos em uma primeira leitura, o vocabulário absolutamente contemporâneo, a fluidez do texto, a ironia, tudo isso me estimulou muito. Destaco aqui o poema "Trabalhos mentais", entre outros que poderia mencionar. Enfim, trata-se de um livro imprescindível, dos melhores volumes de poemas publicados nos últimos anos.

Bruno Brum

Uma mulher insanamente bonita

ANGÉLICA FREITAS

uma mulher insanamente bonita
um dia vai ganhar um automóvel
com certeza vai
ganhar um automóvel

e muitas flores
quantas forem necessárias
mais que as feias, as doentes
e as secretárias juntas

já uma mulher estranhamente bonita
pode ganhar flores
e também pode ganhar um automóvel

mas um dia vai
com certeza vai
precisar vendê-lo

Angélica Freitas estreou em 2007 com o livro de poemas *Rilke Shake*. Como o título sugere, o registro era pós-moderno, com o humor e a ironia desencantados e desencanados que lhe são habituais. Mais precisamente, esse poemas eram, a meu ver, a melhor realização de um sentimento pós-moderno na poesia brasileira desde Carlito Azevedo (mas com menos sintaxe virtuosa e mais leveza; menos jogo intertextual e mais humor). Agora, com *Um útero é do tamanho de um punho*, ela consegue a proeza de reconciliar poesia e política, em poemas que são a versão poética das questões da teoria dos gêneros, e com isso tornar a poesia contemporânea como raramente ela é capaz de ser hoje. O poema que escolhi toca no nervo da "normalopatia" contemporânea, por meio da diferença entre uma mulher "insanamente bonita" (que tende a adequar-se às expectativas de identidade que se lhe depositam), e uma mulher "estranhamente bonita" (que necessariamente romperá com o pacto).

Francisco Bosco



LAGOS

MONICA DE AQUINO

I

Lagos
os olhos do afogado –
já não retêm o acaso
o vidro baço
da dúvida.

Trégua túrgida, réstia
sem o espectro de estátua
que confere ao fim
o seu aspecto de pedra.

Rasgo
desde a véspera.
E quanto mais ontem
o corpo, mais lago
(e superfície).

A pele não espera –
dissolve-se –
e não se sabe
o que água, o que carne,
o que margem.

O morto
embriaga-se.

II

Ao lago não é dado
desamar o afogado
visto que, misturados,
lago músculo terra
já não se sabe
o que contém
o que refém
(e o que ilha).
Assim, amar o morto
é amar seu próprio corpo
é acolher a dispersão
do que também é água:

é este amar-se a si.

III

Suponha, agora
um outro
a mirar-se

(suponha o lago
nos olhos
do outro)

e que ele resvale
na pele do acaso:

assim, o morto
decantado.
Mas há o círculo.
E não se sabe
o que é morto
o que é outro.

IV

Por que fonte
sua natureza
se ao lago, apenas
impele a mó
do círculo?

(O outro sempre
claraboia
onde se infere
a fronte do abismo).

O jogo das hipóteses confere a este poema (publicado pela primeira vez na Revista *Poesia Sempre* em 2006) uma linha tênue, capaz de dissolver diversas fronteiras. A começar pela forma: há uma expectativa corrente de que na poesia dita “feminina” o emocional, o confessional, o corpóreo sobressaiam-se ao racionalismo da forma. Ao contrário, temos aqui uma composição em que o logos intensifica e tenciona a linguagem. Uma faca (o lago), trágica, de uso interno, está prestes a destruir narciso. Quem se olha no espelho, o morto ou a própria voz? O inferno (abismo) é o outro ou sou eu mesmo? A linha de fronteira entre o ser que diz e o ser alheio parece estar rompida ou prestes a se romper. As hipóteses nos levam necessariamente ao terrível, aos abismos da própria carne. Aqui o feminino: pois mesmo ao subverter o esperado, o que temos é aquilo que nos resta sempre, quando estamos à beira do abismo: o corpo-vertigem. O corpo. Que não pode ver senão através de uma estreita claraboia: si mesmo.

Leo Gonçalves

LUGAR

IACYR ANDERSON FREITAS

Nunca tivemos lugar nesse mundo.

Ontem amávamos tanto
o que agora esquecemos.

Amanhã venderemos a qualquer preço
o que hoje nos faz
mudar de endereço.

Por isso invejamos aquela árvore:
porque soube
qual era o lugar, porque nele soube
deixar raízes

e em silêncio
levitar.

A busca por um poema publicado nos últimos 15 anos, escrito por autor nascido a partir de 1960, nos remete a uma enormidade de nomes, estilos, propostas e formas. Não são poucos os autores com esse perfil que desenvolveram – desenvolvem – obra admirável. Eleger um único poema a tal ponto memorável que possa compor um painel representativo da rica e vigorosa produção desse período é, antes de mais nada, correr o risco. Qualquer que seja o critério, haverá subjetividade na escolha. O que esperar de um poema? Espera-se que promova no leitor uma revolução emocional e mental semelhante à que o autor sofreu para escrevê-lo. As palavras que formam o poema não são as mesmas dos dicionários. Na poesia, a palavra não estabelece um determinado significado, mas sugere um leque de sentidos. É como a cor numa pintura: um elemento abstrato que, dentro do conjunto, desperta no leitor emoções muito pessoais, não necessariamente as mesmas que inspiraram o poeta. Ao receber o convite para indicar um único poema para esta amostra da poesia brasileira contemporânea, imediatamente lembrei-me de "Lugar" (do livro *A soleira e o século*, Nankin/Funalfa, 2002), belíssimo trabalho de Iacyr Anderson Freitas, que vive em Juiz de Fora (MG), longe dos centros de badalação poética, e no entanto vem construindo, quase em silêncio, uma obra que já lhe rendeu prêmios nacionais e internacionais. Sem a pretensão de revelar tendências da nova poesia brasileira, venho apenas reverenciar um grande poeta, o que não é pouco.

Alexandre Marino

CONFESSIONÁRIO

MARIANA IANELLI

Faz tempo não cuido de sondar a morte,
faz uns anos
que não durmo em cama estreita
que não durmo em horas certas
que não falo das minhas coisas
que mais doem no peito
para as alturas apagadas do céu
no meu vislumbamento de Deus.
Faz tantos anos
que não cuido de sondar a morte
nem os ciprestes que europeízam nossos túmulos
e que dão verde durante dias e noites.
Minha cabeça contra os lençóis: quero sumiço.
Faz poucos anos estive chamando por Deus.
Foi tão percorrido o repertório dos meus erros
que Ele jurou o tempo que durasse minha vida
não corrigir meus extravios, meus desacatos.
Me termino e Deus ainda é sinistro como eu:
não decide sobre os meus prazeres, minhas estrofações

Um dos temas que me são caros, tanto na poesia quanto na ficção, diz respeito à morte, algo que me remete a uma preocupação também com passagem do tempo, a solidão individual ou o deslugar do ser no mundo contemporâneo. "Confessionário" (de *Trajetória de antes*, 1999), impactou-me à primeira leitura pelo rastreamento e sondagem desse universo, a busca, a procura pelo entendimento e a uma inquietação diante do absoluto, do insondável e das incógnitas que nos habitam, deflagram uma implosão.

O que caracteriza a poesia de Mariana Ianeli é uma nítida preocupação existencial, sem descuidar de uma fidelidade muito peculiar ao universo íntimo/lírico, com que transita sem derramamentos, porém com fulgurante cristalinidade.

São instâncias em que a sua arquitetura prescinde de rodeios formais ou contorcionismos de linguagem para falar da geografia afetiva, das dores, dilemas & delícias do ser contemporâneo, tão deslocado nesses tempos de coisificação e etiqueta.

Em Mariana Ianeli a palavra é substantiva, fala tanto pelo insinuado quanto pelos silêncios. Não obstante a contenção e economia de meios, reverbera uma voz múltipla, intensa e com uma sutil carga metafórica que comunica um peculiar sentimento do mundo, estágio só alcançado pelos verdadeiros estilistas.

Uma escritura que emerge do olhar profundo e cirúrgico de uma autora que busca na condição humana e seus labirintos psicológicos e sociais uma rica matéria estética para refletir sobre a nossa incompletude e nossos desassossegos.

Ronaldo Cagiano

DE NOVO NADA

PAULO FERRAZ

(trecho inicial do poema)

SÓ O IMPENSÁVEL É IMPOSSÍVEL

*Deixa ler sua sorte. Mal me
dei conta e já tinha a mão da
velha agarrada à minha. Bela
mão, Velha, menos cigana
que mendiga. pele fina,
mas essas linhas O que me
disse em seguida perdeu-se
na poluição; minha mente
revolveu, para salvar a
sua quiromancia, o monturo,
depois, faxina completa,
decifrei: La buena dicha
de sua existên sobreposta*

*soa estridente uma sirene
cia, sua singularidade
talvez, está em seu destino
(creio que a tradução correta
seria: sua fatalidade).
Coma esta resma, coma esta
resma, esta resma alimenta
seu ventre e enche os intestinos,
talvez lhe seja indigesta.
Será. Logo, escolha como
sairão de seu corpo as letras
em cada página escritas.*

Esse longo poema de Paulo Ferraz (do livro *De novo nada*, Selo Sebastião Grifo, 2007), reflete algumas das inquietações do homem contemporâneo que observa os conflitos e contradições da cidade grande.

O poema é composto por versos que têm uma métrica bastante peculiar e pelos quais ecoam vozes que se entrelaçam, se confrontam e questionam a realidade, a existência e a própria linguagem num caleidoscópio de referências que dialogam com a cultura popular e a cultura erudita, com a tradição e a vanguarda. Fazer o novo? Novo Eclesiastes?

Jogo de espelhos onde reside a palavra. Jogo de espelhos onde só o impensável é impossível.

Victor Del Franco

19

TARSO DE MELO

SEUS CACOS ao alcance do olho
estilhaços: um cão late
ao longe, talvez ao acaso

o que sobra da vida
entre um e outro passo

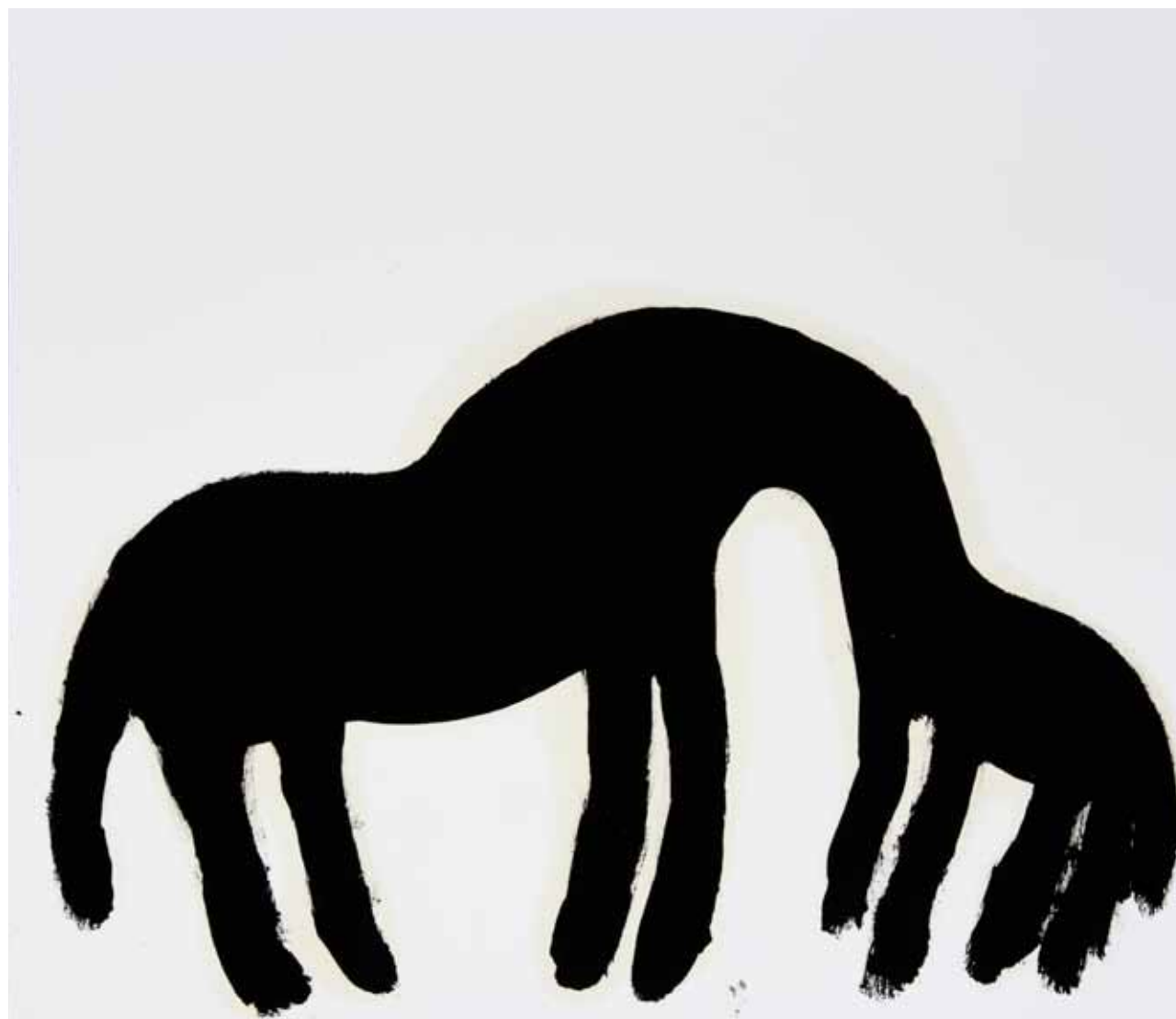
poça, o que fica da chuva

como uma flor — precisa
em seus disparos; a dor
como presença
nos detalhes; o corpo de
uma cor, seus claros

espaço que se abre
temporário
no agosto desse concreto
armado

Acompanho a poesia de Tarso de Melo desde a publicação de *A lapso* (Alpharrabio, 1999) e da edição da revista literária *Monturo*. Sempre me causou espanto o trato rigoroso com a linguagem, sem cair no preciosismo e no decorativo, aliado à consciência crítica sobre as misérias do cotidiano, as contradições entre realidade e seu registro lírico, ou o lapso entre a imagem engendrada no poema e as ranhuras e ruínas da metrópole. Essa vertigem do abismo em que se meteu o sujeito moderno não bloqueia, no entanto, a vaga esperança de que se possa construir algo diverso, utopia em negativo nos textos de Tarso. O poema “19”, da série *Deserto*, publicado originalmente em plaquete e depois incluído em *Carbono* (Nankin/Alpharrabio, 2002), talvez ilustre a poética do estilhaço como ícone e mote da lucidez fraturada entre as sobras da vida, os disparos, a dor, as colorações do corpo e o espaço de concreto que nos configura e aprisiona. Precisa ter pulso firme e coragem para fazer a poesia da “poça, o que fica da chuva”. Não ceder às ilusões do ego e às armadilhas da ideologia, joguetes sedutores para o artista e o cidadão comum.

Reynaldo Damazio



DESCONECTANDO...

ELISA ANDRADE BUZZO

Éramos duas crianças
aprendendo a ver imagens
e a ouvir sons.

Escandíamos as mais simples sílabas
em malabarismo de linguagem.

Recebíamos com espanto a luz dos raios catódicos do
[fundo da tela de cristal:
puxa o fio da boca com os dedos,
sua risada ressoa redonda, grande de dentes.

Aí, veio o bicho-papão
e tirou nosso ar.
:-)

Este poema da Elisa Andrade Buzzo foi publicado no *Suplemento Literário* n. 1287, que circulou em fevereiro de 2006. Eu já conhecia um livro da autora, o *Se lá no sol*, pela 7Letras, de 2005. Elisa é paulistana e nossos caminhos já vinham se cruzando e ela se tornou, depois, colunista do mesmo site que eu, o *Digestivo Cultural*. Acho a poesia dela muito sensível e musical, mas esse poema aí me deixou “de cara”, como se diz aqui em Minas. Como estudo, academicamente, as tecnologias digitais, achei sensacional a maneira como Elisa lança as questões da web num poema que beira o humor, o amor e a ironia, num tempo em que não rolava muita banda larga. Ah, meus tempos de chat no UOL, minha tela de tubo, a linguagem na velocidade da conexão (que caía!), os emoticons old school, feitos com pontuação (um porre esses que já vêm prontos!). Elisa é fera em contar boa história num poema breve. E o timbre dessa Elisa em “Desconectando...” não é assim tão comum nela mesma. Há outro, preponderante, que é mais lírico. Talvez por isso ela me tenha impressionado nessa paquera poemática via chat. E o título? Muito oportuno, muito bem-dado, inteligente, aponta sem revelar. Poesia em círculo, assim: você entende o título depois que termina de ler (ou termina de ler para entender o título). Gosto muito dos escritos que fazem esse movimento. Então escolhi a Elisa e esse poema porque acho que essa paulistana nascida em 1981 é um talento que não ficou no primeiro livro (como muitos). Ela publicou outros, participou de antologias, inclusive no exterior, foi coeditora da revista *Mininas*, que acho fantástica (só editava mulheres) e, ah, é uma cronista produtiva, de um lirismo emocionante.

Ana Elisa Ribeiro

EU ESCORRO

TÁBATA MORELO

eu escorro
tudo que
penso
eu escrevo
tudo que
esporro
eu te
escrevo
sempre que
penso
eu
transcrevo
sempre que
posso
eu corro
sempre que
passo
eu escrevo
sempre que
esporro
eu corro
tudo que
escrevo
eu
transcrevo
tudo que
passo
eu espero
sempre o
abraço
eu sempre
esporro
tudo que
posso
eu te
escrevo
eu te
escracho
você
esporra
no braço

NA TABA DE TÁBATA

Toda seleção é “faca no pescoço”. É, como já cantou Rubs “Sexo Explícito” Troll, “speak ou morra”. Mexer no vespeiro da poesia contemporânea é uma das ações mais fáceis. Pois ela está muito bem. Obrigado. Tábata Morelo Vianna é da novíssima geração. Veio à luz com as dentições do jornal belo-horizontino *Dezfaces*. Sua poesia é paradigmática de uma geração pós-Poesia Marginal e pós-New Language. Conjugua uma síntese, às vezes, prosaica cotidiana; às vezes, bárbara de sensualidade semântica. A palavra tem a materialidade da coisa anunciada. Na representação do feminino, há oximoros de masculinidade. Sua poética mistura funções, posturas, posições e gêneros. Este poema “eu escorro tudo...” traduz bem sua urgente dicção ou canabalização.

Marcelo Dolabela

DESAPARECIDA

FLÁVIO DE CASTRO

Ela desapareceu ontem à noite:
Vestia sapatos obscenos
e aparentava a tristeza de um amor sem fim.
Sofre de alguns probleminhas mentais,
consequências de um passado
que não passa mais.
Foi vista pela última vez na noite de ontem,
na porta de sua casa.
Quem souber notícias dela,
quem souber seu paradeiro,
por favor não diga nada,
por favor
me deixe em paz.

Flávio de Castro é um Zumbi corinthiano radicado em BH. Alucinado por Manu Chao e herdeiro indireto de João Antônio, perambula disfarçado de dândi pelas ruas da cidade em busca de aventuras escaldantes. Sua rebeldia sem aura não me deixa mentir: *Desaparecida* é a prova incontestável de uma toada intempestiva e – como não poderia deixar de ser – adepta das boas gargalhadas (apesar dos pesares). A paz do verso final é *fake*, não é paz de cemitério. Estamos diante de um poeta claramente afeito ao risco permanente e avesso aos lirismos muxoxos. Por isso mesmo, ele não venera circuitos arrumadinhos. Ao contrário: tudo que lhe cai às mãos – farpa, prego, decepção – sua poesia aguça e cintila. Clandestinamente. Sem redondilhas. Evoé!

Flávio Boaventura

LA XE SY

DOUGLAS DIEGUES

Los abogados, los médicos, los periodistas, todos quieren fornicar com mia mãe.

Nadie tiene las tetas mais bellas que las de la xe sy. Los gerentes de banco non resistem.

Los músicos, los guarda-noturnos, los karniceiros, todos querem fornicar com ella.

Nadie tiene los ojos mais bellos que los de mia mae. Tengo tres años.

Me enkanta jugar com la lluvia.

Y non tengo padre.

Los idiotas, los seccionaleros, los farmacêuticos, todos suenham en enfiar el pau en la tatu-ro'o de mia mãe. Todos los bugres de la fronteira deseam mia mãe como legítima esposa ni que sea apenas por una noche tibia de Ypacaraí.

Mia mãe es la fêmea mais bella du território trilingüe. Tengo quatro años.

Y todos los bigodudos de la frontera kieren fornicar com ella.

Muitos se masturbam secretamente pensando en ella. Tengo dois años.

Non sei quem es mio pai.

Sinto que non soy igual a los outros. Eles têm pai. Yo non tengo pai. Tengo apenas una mãe e un abuelo. Eles têm pai, mãe, abuelos y abuelas.

Tengo também tia, y tio, y una prima salbaje di quatro años. Mas non tengo pai. Y todos los polizias, los juízes, los fiscales, los katedráticos de la fronteira querem fornicar com mia mãe.

Los mecânicos, los padres y los carteros também querem. Muchos jóbenes de la frontera se masturbam secretamente em nombre de mia mãe.

Mutchos senhores casados fornicam com sus legítimas señoras pensando em mia mãe.

Tengo três años.

Y tengo medo del oscuro.

Quién nunca se masturbou em nombre de alguien cuando era jovem?

Los vendedores de fruta y los sapateros también se masturbam em nombre de mia mãe.

Los vecinos árabes, que tienen tienda en la misma calle en que está la tienda de mi abuelo, miran, golosos, para mia mãe, querem fornicar com ella, pero ella non se vende.

Los pilotos de avión y otros kapos famosos em todo el pueblo también querem fornicar com mia mãe.

Los piragües profesionales y los eletricistas também querem fornicar com ella.

Tenho cinco anos.

Y ellos se masturbam sonhando que estan fornicando com mia mae.

Komerciantes, yagaretê-abás, luizones, rondam la loja de mio abuelo.

Mio abuelo, con sua pistola 45 en la cintura, impede que los machos se aproximem.

Tengo dois años.

Los vendedores de mel falso, los especialistas y los taxistas también querem fornicar com minha mãe.

Praticamente todos os homens da fronteira querem fornicar com minha mãe de qualquer maneira.

Mas minha mãe não é boba.

Nao se entrega fácil.

O sorriso da minha mãe deixa os homens felizes e cheios de esperança.

Tenho três anos.

A beleza hispano-guarani da minha mãe perturba o sexo desses homens.

E eu não tenho pai.

Los contrabandistas, los jardineiros lúbricos y los contabilistas querem fornicar com minha mãe. Apostam entre si para ver quem fornicará com ela primeiro.

O sorriso da minha mãe enfeitiça os homens solteiros e casados. Eles não resistem. Todos querem fornicar com ella, querem comprar seu sorriso, querem gozar na sua boca. Minha mãe é amável.

Trabalha na loja do meu avô. Foi educada no Inter, de Assunção. Recebe a todos com o mesmo sorriso de sempre. Mas los bugres-doutores, os diplomatas, los condes y los representantes comerciais confundem tudo y querem porque quieren fornicar com minha mãe.

La beleza da minha mãe deixa los hombres desnorteados. Todos querem fornicar com ella. Ninguém tem a pele mais macia do que minha mãe. Todos querem descarregar seus espermagamentos no tatu ro'o da minha mãe.

Mas minha mãe não se entrega. Tenho dois anos.

Los mais desesperados se masturbam en los cinemas, en los banhos publicos, en la madrugada trilingüe, em nome da minha mãe.

Querem fornicar com minha mãe para ficarem mais leves, querem se livrar del peso de sus espermagamentos.

Mas mia mãe non es boba, non abre las piernas asi nomás, no se entrega fácil.

Tengo 7 años. Mas não tenho pai. Só tenho avô. E sou diferente de todos os outros. Mas isso não me incomoda. Aprendi a ler. Posso leer los nombres de las carnicerías para mi mamá enkuanto todos los machos de la fronteira querem fornicar com ella.



Em “La Xe Sy” encontramos um senso de humor que é raro na poesia contemporânea brasileira, cujos poetas e poesias se levam a sério demais, como que almejando o trono canônico e as academias de iletra(do)s. Diegues desconstrói isso com esse eu poético ridículo, marca da sua poesia. O poema, demonstrando uma inquietação, assinala também uma saída dos habituais modelos canônicos em que se enclausura boa parte da poesia no Brasil, arriscando o caminho inusitado das fronteiras linguísticas, sociais, culturais: numa linguagem híbrida, por isso mesmo contra a língua, escreve mesclando português, espanhol, guarani e inglês, corrompendo o beletrismo, o lirismo comportado e bem pensante corroído pela metafísica paralisante. É crítico, imaginoso, dialoga com a exclusão (exemplificada no índio e nos marginalizados da globalização econômica), assim como brinca com as formas (como o soneto, em outros poemas) e age à margem e contra o ignóbil mercado de cultura que existe (com uma editora “cartonera”, a Yiyi Jambo, que produz livros artesanais de papel reciclado e papelão catado nas ruas). “La Xe Sy”, no cenário das poéticas contemporâneas, pode ser tido como um poema deslocado, que causa ruído e, por isso, faz pensar sobre o que é a poesia contemporânea.

Ademir Demarchi

Lançado em 2010, o poema “La Xe Sy” (Minha mãe), de Douglas Diegues, um carioca radicado na fronteira do Brasil com o Paraguai, está vazado numa fala em estado de gestação que mistura “casualmente” idiomas fronteiriços -- português, espanhol e guarani. Traz à tona um intenso sentimento “nativo”, “materno”. Sem língua mãe, sem língua originária, o poeta fala no entanto da sua “Sy” (mãe), cobiçada por todos.

Sérgio Medeiros

TUBO DE FEIXES

RONALD POLITO

O sol é uma estrela
de pequena grandeza.

A sombra da terra
não encontra apoio do espaço
e se estica
ainda.

Ilhas são continentes
que acabaram por se deitar.

Um homem por acaso
em seu país,
quando grita, mesmo
que baixo e pouco, sozinho em
seu quarto, também é
uma ilha em pé.

O sono arrebanha
todos os sonhos
e vai embora.

Um corpo que cai
em si cada vez mais
rápido pode ser
um espetáculo.

A luz deve ficar
acesa, mas o sol
continua ligado.

Uma glaciação é trabalho
para muitas mãos.

“Tubo de feixes”, de Ronald Polito, pertence ao livro *De passagem*, que teve a alegria de publicar dentro da coleção de poesia brasileira “Janela do caos”, da *Nankin Editorial*.

Feito de definições que evocam o discurso científico, com remissões ao universo da física, da geografia, da história natural, suas partes se articulam, mais por acúmulo que por progressão argumentativa, em torno das ideias de solidude e extinção, transmissão (feixes) e isolamento (tubo).

A escala cósmica/planetária (o sol, a terra, os continentes) se contrapõe à humana (um homem sozinho, um corpo que cai em si, o trabalho das mãos) com resultados notáveis. Constrói-se a cadeia associativa a partir de obsessões que revelam o nexo latente entre as imagens: a modesta grandeza do astro rei se conecta à falta de apoio para a sombra da terra, que se deita como os continentes, que se ilham como um homem aos gritos, caindo em si cada vez mais rápido. De forma análoga, a luz (da lâmpada, do sol) permanentemente acesa parece se conectar com a insônia e a extinção dos sonhos (o sono indo embora e arrebanhando os sonhos). Delineiam-se, portanto, certas polaridades: de um lado, sol, grito, ilha, insônia; de outro, sombra, queda e glaciação.

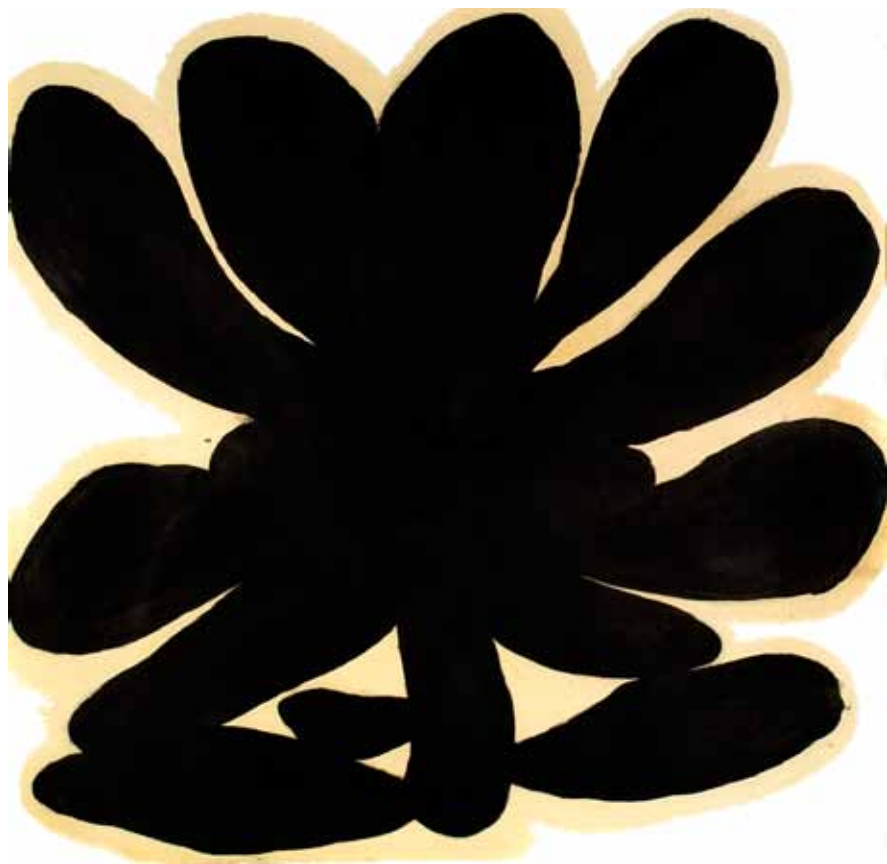
O fecho com a imagem da glaciação é especialmente feliz ao cruzar o fenômeno natural e o trabalho humano, devendo talvez algo a Cummings (“nobody, not even the rain, has such small hands”). Embora em outro poema do livro se leia que “Sequer se produz gelo suficiente/ que conjumine os continentes” (“Ordenação”, p. 26), a glaciação aqui contrasta de modo engenhoso com a pequenez do sol, do só, do insone, reunindo as ilhas em fria grandeza.

Fabio Weintraub

Quando tudo desapareceu,
a luz e sua ausência se
equivaleram, sim e não
fundidos ao silêncio
interior, exterior,
definitivos, maiores,
ainda assim ficou
faltando esquecer
tudo. Mas,
sobretudo,
nunca mais nem se lembrar
que esqueceu.

Saber que este poema, sem título, fecha um livro intitulado *Terminal*, de 2006, o último livro de poemas de Ronald Polito de que se tem notícias, talvez acentue ainda mais seu tom apocalíptico. Mas não é isso o que mais causa impressão. O que piora é, mesmo tendo já desaparecido tudo, tratar-se de um discurso ainda assim insistente. Na verdade, como indica o primeiro verso, este é um poema pós-apocalíptico, talvez o diálogo mais contundente com o pós-tudo (1984) de Augusto de Campos, e todo sua preocupação consiste em apagar qualquer vestígio – a memória ou a poeira – que eventualmente tenha restado. Uma espécie de desespero, afinal, mas ao mesmo tempo um desespero de natureza calma e resignada. Seu ponto mais alto está no penúltimo verso, exatamente no significante “nem”, a negativa final de um livro repleto – e de uma obra inteira – de negativas.

Victor Da Rosa



CACTO

Em mim o tempo agarrou
o princípio da distância,
seu engenho de silêncio.

Alheio por dentro às arestas,
cada uma com seu tanto de espinhos
rijos ou móveis em estado de ataque.

Soldado ao sol e enterrado vivo
como um espantalho beligerante,
indefeso ao mais cálido machado.

Solo seco, sem artifício algum,
por baixo contínuo roer de pedras,
toda essa água retomada por um fio.

Intangível coluna, cordão de isolamento,
com rugas incidentais em arrepio
cravo uma flor na hora noturna.

Numa das suas entrevistas Bachelard disse que era um privilégio ser leitor de um poeta, que é um título que precisamos merecer. Pensando nisso escolhi a poesia do poeta, tradutor, crítico e historiador Ronald Polito para dar o meu depoimento sobre uma poesia que sempre me impactou pela modo que o poeta trata a lírica. Sim, a poesia de Polito é lírica, mas de uma dureza, de uma pedra não cabralina, mais Cláudio Manuel da Costa, com pinceladas da pintora mineira Fani Bracher, de quem Ronald já escreveu um longo ensaio.

Ler seus livros (*Solo*, 1996, *Vaga*, 1997, *Intervalos*, 1998, *De passagem*, 2001 e *Terminal*, 2006) é tomar conhecimento de uma das posturas mais negativas que tenho conhecimento na poesia contemporânea brasileira, seja na linguagem, seja no que se pode aspirar de vida real. Mas essa “poética de gestos mínimos”, muito bem avaliada num texto da ensaísta Vera Lins, me parece confirmar que esse gesto de impossibilidade nos faz pensar que a poesia de Polito é, na verdade, um brevíssimo gesto de esperança, ainda que crepuscular. O deslocamento na sua poesia perante o mundo faz dialeticamente pensarmos o mundo sob outro olhar, isto é, necessitamos avaliá-lo a partir dos intervalos de silêncio, das dificuldades do inominável, das diferenças de sentimentos, do vazio que o tempo pode causar, do corpo e seus limites.

Dos seus livros, *Solo* é o mais melancólico, e *Vaga* (que tem na capa um belo objeto de Fani Bracher, novamente a artista), talvez o mais radical, no sentido de cumprir o mínimo tanto na forma quanto no modo com que trata os seus temas. Sempre que volto a eles, me emociono pelo refinamento formal, o que para mim confirma a atemporalidade desses dois livros.

Escolher apenas um poema desses livros não é tarefa das mais fáceis, pois há um equilíbrio forte em ambos. Os poemas são quase que complementares. Mas fico com “Cacto”, do primeiro livro. Este poema é uma poética, no sentido que pode bem representar todo o percurso até agora da poesia de Polito. Nele, o sentimento de deslocamento, de “proteção”, lembra alguns sonetos do poeta Cláudio Manuel da Costa, sobretudo aqueles que tratam do sentimento de aspereza do lugar de origem. O poema “Natureza Morta”, do mesmo livro, me parece ser a confirmação desse estado tanto do poeta árcade quanto de Ronald Polito. Ambos os poemas, mais que dialogarem, se completam.

Não há espaço para um detalhamento cirúrgico sobre o poema, mas chamo atenção para o modo que o sujeito lírico quer ou deseja se proteger do mundo. O cacto, como se sabe, é uma planta resistente a quase todo tipo de tempestade. Este poema-cacto parece querer se proteger também de todas as tempestades da vida e do mundo.

Mário Alex Rosa

SÍTIO

CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

O morro está pegando fogo.
 O ar incômodo, grosso,
 faz do menor movimento um esforço,
 como andar sob outra atmosfera,
 entre panos úmidos, mudos,
 num caldo sujo de claras em neve.
 Os carros, no viaduto,
 engatam sua centopéia:
 olhos acesos, suor de diesel,
 ruído motor, desespero surdo.
 O sol devia estar se pondo, agora
 – mas como confirmar sua trajetória
 debaixo desta cúpula de pó,
 este céu invertido?
 Olhar o mar não traz nenhum consolo
 (se ele é um cachorro imenso, trêmulo,
 vomitando uma espuma de bile,
 e vem acabar de morrer na nossa porta).
 Uma penugem antagonista
 deitou nas folhas dos crisântemos
 e vai escurecendo, dia-a-dia,
 os olhos das margaridas,
 o coração das rosas.
 De madrugada,
 muda na caixa refrigerada,
 a carga de agulhas cai queimando
 tímpanos, pálpebras:
O menino brincando na varanda.
Dizem que ele não percebeu.
De que outro modo poderia ainda
ter virado o rosto: “Pai!
acho que um bicho me mordeu!” assim
que a bala varou sua cabeça?



Claudia Roquette-Pinto franqueia o jardim selvagem e íntimo de sua poesia aos assaltos do mundo ao redor, que chega em cheiros, cores, formas e sons tensos e violentos. Uma bala perdida, disparada no primeiro verso, atravessa o poema (do livro *Margem de manobra*, Aeroplano, 2005), para atingir a cabeça de um menino (e o coração do leitor) no verso derradeiro. Tive o prazer de escrever mais longamente sobre o texto, em primeira mão, na *Revista Sebastião* nº 2 (São Paulo: 2002), ainda antes de sua publicação no livro *Margem de manobra*. A força desta composição de Claudia mereceu também a atenção de nomes representativos da poesia e da crítica brasileiras, como lumina Maria Simon e Paulo Henriques Britto (em avaliação positiva próxima à minha), ou ainda Luis Dolhnikoff (em leitura depreciativa, reconhecimento às avessas).

Marcelo Sandmann

METEOROS.
Fúrias riscando o céu.
Estrelas despregadas caindo em
estardalhaço.
As folhas-de-flandres de um
temporal,
sem intervalos.
(Imóveis, no leito,
seu olho embaraçado ao meu
a mão
no meu peito.)

Um dos meus poemas memoráveis é METEOROS, que faz parte do livro *Corola* (Ateliê Editorial, 2000), de Claudia Roquette-Pinto. Gosto de lê-lo como um fragmento de um poema maior, indefinível, em que a autora nomeou *Corola*. A meu ver, isto o caracteriza como um poema de forma não terminada, uma anotação ou fragmento que está em afinidade com um sentido de rizoma poético. Foi essa elasticidade, bastante incomum entre nós, que me surpreendeu e me encantou quando o li pela primeira vez. Não se trata de uma parte de um poema longo, temático e discursivo. O que está em jogo neste fazer da autora é o entremeado, a pausa, o agenciamento. Aliás, todos os fragmentos do livro vêm dispostos sem títulos (apenas palavras maiúsculas grudadas no corpo do texto), para não atrapalharem o fluxo da leitura, sua continuidade incessante. METEOROS é uma das pausas de *Corola* que mais me identifico por trazer o evento externo, o acontecimento aberto, maravilhoso, quase sem medida – “Estrelas despregadas caindo em estardalhaço” –, e nas palavras finais, o evento externo migra para o acontecimento interno – “Imóveis, no leito, / seu olho embaraçado ao meu / a mão / no meu peito”. Além do uso especialíssimo dos parênteses, um pequeno detalhe que diz muito da não gratuidade estética, há uma força centrípeta que atrai as coisas do macro para o microcosmo. A sensação é de que restos da imagem anterior passam a se revolver no peito de quem o lê. É um dos meus poemas contemporâneos prediletos.

Terra dos Pinheirais, em 14/02/2013

Ricardo Corona

gualde amarelo amarelo andante em verde
partitura oscilante das flores o vento
(ralento até o silêncio)
mas ouça: na lousa da noite
os grilos vão deixando reticências

Este poema é de Claudia Roquette-Pinto, poeta carioca nascida em 1963. Faz parte do livro “zona de sombra”, publicado pela editora 7 Letras em 1997. Este livro chegou em minhas mãos quando comecei a escrever poesia de forma mais consistente. A dicção do poema de Claudia, muito contemporânea, seu ritmo, a musicalidade, a estranheza da sintaxe e a forma como ela se refere à paisagem captaram minha atenção. É um poema curto, que flui, é imagético, e teve sobre mim um impacto no tipo de poesia que eu procurava escrever na época.

Virna Teixeira

O LIVRO DE HOJE DO AMOR

ALBERTO PUCHEU

Há a lei da gravidade pesando alguns sentimentos
contra o chão. Um amor perdido, outros,
partidos, outros, vividos ou não,
deixando no ar um rastro de aflição.
Poucas vezes estamos no lugar em que deveríamos estar,
mas não entendo como, se hoje a festa é lá,
vim parar por aqui onde estou. Se eu gritasse,
talvez o vento deste ar-condicionado levasse o grito
quem importa para onde. Se eu gritasse, quem
seria capaz de esvair meu grito
com mais rapidez do que o sopro deste ar-condicionado?
Os carros continuam passando na rua e alguém,
mais uma vez, quis acabar com o mundo.
Já trepei com putas, viados, travestis
e pessoas muito amadas. E mesmo aquelas
com quem não passei mais do que uma noite,
mesmo aquelas com quem passei menos que uma única noite,
mesmo aquelas nas quais dei apenas um ou dois beijos,
eu poderia ter verdadeiramente amado. Eu poderia tê-las
amado muito. Espremido-as entre a água e o vidro
de meu aquário para nos dar a todos um pouco mais de mar.
Para oxigenar o aquário, para empurrar o vidro
alguns milímetros para fora, para ampliar o espaço,
para não precisar saltar para fora do aquário.
Eu poderia tê-las amado muito como amo você.
Eu poderia tê-las feito realizar algum sonho como fiz com você.
Eu poderia ter-lhes dado momentos de muita alegria
como nós dois nos damos momentos de muita alegria.
Eu poderia tê-las feito sofrer como nos fiz sofrer.
Eu poderia ter... Assim é o amor,
com sua sintaxe esburacada.
Há anos, tentei arranjar O livro de hoje do amor.
Fiz o arranjo, mas não me deixaram publicá-lo
justamente por causa do amor com sua sintaxe esburacada,
justamente porque esburacaria ainda mais
os buracos de algum amor. Na stand up comedy
de ontem, o cara disse não entender
como um homem larga sua mulher
para se casar com a amante, que isso
é como estar numa cela de prisão e escavar um fosso
que vai dar na cela de uma outra prisão.



Pucheu é um poeta com uma grande força expressiva, o que o distingue numa poesia marcada pelas lacunas e pelas ruínas linguísticas. Ele traz uma energia de linguagem tão acentuada que torna os temas mais banais do cotidiano em extensos e intensos discursos líricos. O seu ancestral talvez seja Walt Whitman, pois há um idêntico desejo de não recuar diante do contemporâneo e um uso dos meios da prosa para obter poesia, uma poesia que é narrativa e reflexiva sem perder as potencialidades da sugestão. Marcados pela agoridade, seus poemas apresentam um sopro épico, tratando da matéria - linguística e existencial - do tempo presente. Em "O livro de hoje do amor", há a encenação de uma vida conjugal lírica e devassa, uma versão do amor em tempos de oferta fácil de sexo.

Miguel Sanches Neto

JANETE, DONA DE PENSÃO

FERNANDO FÁBIO FIORESE FURTADO

Um hóspede que demora
(por uma noite que seja)
depois de fazer a praça,
de todo não vai embora.

Deixa a fome na cozinha,
fome larga das estradas,
como se ali ficasse a alma,
à espera, enquanto caminha.

Confesso que me senti pouco à vontade com a delicada incumbência proposta pelo *Suplemento*. A despeito dos parâmetros estabelecidos – que, de fato, restringiram bastante o universo lírico da pesquisa –, como destacar apenas um poema? Aceitei o desafio, mas com a pulga atrás da orelha. Já no mesmo dia, de enfiada, arregacei as mangas. Apelei para a memória e para as estantes. Depois de muita labuta, algumas noites adiante, empaquei diante de 17 poemas excepcionais, escritos por 15 autores distintos. Para escapar dessa sinuca de tantos bicos, vali-me dos mais variados critérios. Todos discutíveis, é claro. Sem conseguir chegar a um acordo com meus outros 16 eus, montei um pequeno campeonato. A partir das quartas de final, no entanto, todas as partidas foram decididas nos pênaltis. Mais precisamente na base do cara-ou-coroa. E a Janete ficou com a taça. “Marmelada!”, gritarão alguns. “Nepotismo!”, outros poderão bradar. Deixemos isso de lado e passemos adiante.

Afinal de contas, muitas são as virtudes deste belíssimo poema [De *Corpo portátil: Escrituras*, 2002]. Uma das principais, a meu ver, reside na exposição da permanência do périplo humano através de signos de transitoriedade. Fernando Fiorese sabe costurar como ninguém esses retalhos referenciais de extrema polaridade, de notável paralelismo antitético. Por outro lado, alguns detalhes técnicos merecem ser destacados: o hábil manejo da redondilha maior; o feitiço “miniloquente” do conjunto (lembrando Carlos Bousoño); o esquema rímico interpolado nos dois quartetos, tendo por base rimas consoantes, graves e ricas, bem como rimas toantes e emparelhadas apenas nos versos centrais da segunda estrofe. Em resumo, uma verdadeira lição de fazer poético. Lição, também, de “corpo portátil”, cujos contornos, no entanto, evocam infinitos horizontes de leitura.

Iacyr Anderson Freitas



SOBRE “A CASA”

O poema “A casa”, está inserido na segunda parte do livro *Ossário do mito*, publicado pelo poeta, contista e ensaísta Fernando Fábio Fiorese Furtado, em Juiz de Fora, edições d’lira, 1990. Este poema reapareceu em *Corpo portátil*, que reúne obras do autor de 1986 a 2000. Em “A casa”, Fiorese tece uma larga teia de significados valendo-se, no entanto, de uma considerável economia de meios. Em termos formais, o poema é constituído por uma sequência de sete dísticos. Em termos de significação, os primeiros versos dos seis dísticos apresentam – através de uma Voz que pode ser a do poeta, a do leitor, a da tradição ou a de um deus ferido – a relação, permeada de interditos, do sujeito com a casa (“na rua da Casa, não passe.”/ “a fachada da Casa não olhe.”/ “na calçada da Casa, não pise.”, etc). Esse tom de advertência é rompido no primeiro verso do último dístico quando, num relance de reconhecimento do seu espaço, o sujeito (o poeta? o leitor?) anuncia: “na Casa eu vivo”. Os versos que compõem a segunda parte de cada dístico possuem um caráter sentencial,

funcionando como soluções implacáveis para os impasses propostos nos versos anteriores. Nesse momento, uma Voz (do poeta? do leitor? da tradição? do deus ferido?) ressoa como um oráculo diante daqueles que buscam respostas para os seus assombros: “na rua da Casa, não passe./ o futuro será póstumo”; “na calçada da Casa, não pise./ a terra será queda”. A coroação desse estranhamento em relação à casa ocorre, paradoxalmente, quando o sujeito se reconhece nela: “na Casa eu vivo./ os ausentes são minha família”. O contato inicial com este poema de Fiorese, em 1990, e os reencontros sucessivos com sua teia de apelos, ao longo dos anos, confirmaram em mim o espanto inaugural. Aquele que, uma vez experimentado, nos alimenta, mesmo quando não nos damos conta desse vínculo. Esse poema de Fiorese, pela junção entre economia formal e densidade de significados, foi um dos textos que vincaram em mim uma certa percepção da experiência poética, ou seja, aquela que faz do menos o mais da poesia.

Edimilson De Almeida Pereira

AOS PREDADORES DA UTOPIA

LAU SIQUEIRA

dentro de mim
morreram muitos tigres

os que ficaram
no entanto
são livres

São apenas 82 caracteres, compondo 17 palavras, incluindo o título, que faz parte ativa do poema. Escrito em 1992, publicado pela primeira vez em 1998, este texto já foi traduzido para diversas línguas, como o espanhol, o italiano, o inglês, o catalão e o francês. O próprio Lau Siqueira nos conta que escreveu *Aos Predadores da Utopia* “quando o ditador Fugimori apresentou um guerrilheiro do Sendero Luminoso numa jaula. Nasceu berrando por liberdade ao ver esta imagem.” O que mais impressiona no poema, marcado pela rima toante tigres/livres é que, a partir de um episódio específico, o texto acaba por servir de espelho e representação para a geração dos que estão agora com cerca de 50 anos, e que se motivaram por tantas utopias que fracassaram, mas que ainda lutam contra os “predadores da utopia” e os encaram desafiadores, insistindo em manter seus sonhos livres e ativos. Ou seja, são 82 caracteres que definem toda uma geração.

Frederico Barbosa

DOMINE

FERNANDO JOSÉ KARL

“Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum; sana me
Domine, quoniam conturbata sunt ossa mea”.
(Rei Davi)

Sana me de formas turvas, Domine.
Sana me da miséria tumular.
Sana me do ríctus da amargura.
Sana me do conturbado vendaval de Carrascozza.
Sana me de não fazer ablução com água de estrela.
Sana me de crótalos marinhos envenenados.
Sana me de cadáveres dragados nos pauis.
Sana me com os Santos Óleos e o azeite dos doentes.
Sana me de fétidas palavras.
Sana me.
Sana me com a força da doçura.
Sana me com a força da poesia.
Sana me com a força da música.
Sana me com a força das mulheres e das crianças.

Que língua, ossos e olhos sejam para sempre.

Domine

(Acontece o que arrebatava:
Pausa:
Mistério:
Beleza que caminha distraída
:Experiência da palavra)

Sana me

Adriana Versiani

ORELHA FURADA

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Dançar o nome com o braço na palavra: como
em sua casa um maconde.

Dançar o nome pai dos deuses que pode tudo
neste mundo e suportar o lagarto querendo ser
bispo na sombra.

Dançar o nome miséria, estrepe e tripa que a
folha do livro é. E se entender dono das letras
em sua cozinha.

Dançar o nome em sete sapatos limpos para
domingo.

Dançar o nome com a mulher nhora dele: a
mulher no seu coração tempestade e ciranda.

Dançar o nome com o braço na palavra berço.

Recebi, ofertado generosamente pelo próprio poeta a partir de sua Juiz de Fora, em fins dos anos 90, o livro *O homem da orelha furada*, publicado por Edimilson de Almeida Pereira em 1995, do qual consta o poema “Orelha furada”. Lembro-me que este, assim como os demais trabalhos do autor que tinha lido, causou-me um certo espanto, um estranho estranhamento, que me deixou – como leitor - entre a adesão, a negação e a suspensão, numa palavra: desestabilizado. Alguns anos depois, ouvi o próprio poeta lendo esse poema, no CD que acompanha a antologia *Dançar o nome*, lançada pela Editora UFJF em 2000, reunião de poemas de Fernando Fábio Fiorese Furtado, Edimilson de Almeida Pereira e Iacyr Anderson Freitas. Na voz do poeta, o poema se tornou, para mim, mais compreensível, como se a oralidade fosse o seu lugar real, digamos, de significação, como se a escrita fosse, na economia mesma da poética de Pereira, apenas um vestígio claro de uma obscuridade fundamental que o sujeito deseja preservar como uma espécie de resistência à razão instrumental, transparente, que organiza o mundo capitalista. “Orelha furada” é, sem dúvida, um dos poemas que me levaram a perceber a fascinante complexidade do gesto de Edimilson de Almeida Pereira, sua extemporaneidade, seu mais-aquém da literatura, no sentido iluminista de discurso específico, e seu mais-além da linguagem, no sentido absolutizante que lhe conferiram as vanguardas no século XX. Complexidade paradoxalmente haurida na simplicidade, na vida comum de negros e negras de Minas Gerais, nas memórias de pessoas esquecidas pela história oficial, substância que o “griot” Edimilson envolve em formas vivas, dançantes, críticas.

Anelito De Oliveira

POEMA XIX

RICARDO LIMA

entardece
no tear da sombra
o testemunho de um rio

seco ou succulento
impresso, gravado
incontingente

no barco da noite
a foice
rema no escuro

adversa
confiante

Tenho acompanhado com interesse a poesia de Ricardo Lima. Quando li os originais de *Pétala de lamparina* (2010), registrei a impressão de mudança de rumos, de aproximação a uma voz mais pessoal, distinta da anterior, que ainda trazia à superfície marcas comuns da sua geração. À margem da vida literária e avesso ao marketing poético, Ricardo Lima vem construindo uma obra honesta. Na sombra, seu tear vai tecendo uma poesia refinada. O fluir inexorável do tempo é a tônica do seu último livro, que celebra o acordar e o adormecer como momentos em que o contingente passa a fazer sentido, incorporado pelo olhar e pela voz do poeta. Nesse belo conjunto de poemas, como neste que escolhi como exemplo, a consciência da onipresença da morte no caudal do tempo não produz o gosto amargo da angústia. Pelo contrário, o reconhecimento da finitude faz erguer-se a voz que nomeia as coisas mínimas, convocadas, celebradas e redimidas nas fronteiras do sono, amostra e experiência possível da aniquilação.

Paulo Franchetti

FABIO WEINTRAUB

CADELAS

Eu devia ter a mesma idade da prima:
seis, sete anos no máximo
Fomos juntas à vizinha
ver a ninhada recém-parida
a cria da vira-lata

Sete bolinhas de pêlo
sete tufo de ternura:
três café-com-leite
dois brancos, um preto
e o derradeiro pintado
como a mãe

Sete eram, ficaram cinco
já que a vizinha
com toda a nossa insistência

não teve como negar
dois cachorrinhos de empréstimo
para a tarde de folguedo

Duas primas, dois filhotes
e a tarde estendida à frente
como tigela de leite

Deitadas na cama da mãe
pusemos sobre os lençóis
os câezinhos pequerruchos:
no colo, na cabeça
entre as pernas
ah, entre as pernas
os focinhos gelados
nas pombinhas glabras

Eu mais a prima
o leite da tarde
seis, sete anos
a porta do quarto fechada
os câezinhos sedentos
as calcinhas no chão

Fechada a porta do quarto
a cama imensa da mãe
os cães com seus focinhos
mamando nas pipitas
as línguas muito velozes,
velozes e pequeninas
lambendo nas xixoquinhas
todo o nosso
leite ninho.

"PAI"

O poema Pai pertence ao livro *Novo endereço* (Nankin Editorial / Funalfa, 2002), ganhador do prêmio Cidade de Juiz de Fora - Murilo Mendes, naquele ano. O seu mote é muito caro pra mim e foi revigorado ao largo de armadilhas fáceis de cair quando operamos com temas tão recorrentes e explícitos assim. Parece-me que Fábio Weintraub, desde o início dessa obra, demonstra que assimilou com naturalidade e profundidade lições determinantes do modernismo de Drummond e Bandeira. Entretanto, sua poesia mora noutro lugar, ainda que o endereço seja novo. Costurando seus versos em casos de família e da vida vista na rua, no olho do dia, ocorrências que não escapam de ser os recortes que alinhava do individual para o social na construção dos poemas e vice versa. Mas ele reúne esses dois traços tão bem distribuídos no livro em um só poema quando escreve "Pai", que tem forte carga lírica e emotiva, sem qualquer pieguice. Além disso, é também o caso de duas memórias rodando juntas na estrada do tempo - e se esse é o sentido da mudança interna e suas apercepções, aqui também é o que a vida fez do homem, pra lá de qualquer metafísica. Neste poema, o farol de Weintraub ilumina o itinerário daquelas vidas com sutileza e velocidade, para que reunamos as descaídas da vida numa unidade, depois do flash back, pois é próprio da luz se apagar para vermos a coisa, retrazendo tudo. Faz-nos esquecer de perguntar se sou eu uma história ou é ela a narrativa do sujeito - ou de pensar a unidade da consciência, já que a reflexão parece não se dar, sendo cinemascópio.

Adriano Menezes**NINHADA & LEITE NINHO**

Sei exatamente o ano e o local. Cheguei à literatura dita *sofisticada* em 1984, em Ribeirão Preto (SP), via Paulo Leminski e o concretismo. Foi meu primeiro contato verdadeiro com isso que nos acostumamos a chamar de *poesia*. Pensando um pouco sobre esses trinta anos de leituras, percebo uma mudança aguda, "do mais complexo para o mais simples", dirão os amigos. Devagar fui desgostando dos artifícios que tanto me agradavam: visualidade, sonoridade, intertextualidade, fragmentação, sinestesia, eclipse, métrica, rima. Hoje só consigo gostar dos poemas menos pretensiosos, mais prosaicos. Como esse delicado e irreverente *Cadelas*, de Fabio Weintraub, sobre as alegrias pontuais da infância. A ambiguidade do título, o laço afetivo entre os pequenos mamíferos de espécies diferentes, a felicidade erótica, a ausência absoluta dos fumos do catolicismo e da Santa Inquisição, tudo nesse texto é quente e luminoso. *Cadelas* é um elogio à vida intuitiva, tropical, não-cartesiana. É também um ótimo texto de fronteira, entre a ficção e a lírica. *Poema* apenas porque escrito em versos, se tivesse sido escrito em períodos seria um belo microconto. Essa definição simples de poesia (texto escrito em versos) e prosa (texto escrito em períodos) é o grau máximo da clareza. É a única totalmente a prova de balas, contra a indefinição impressionista de categorias como *poesia em prosa* ou *prosa poética*.

Luis Bras

PAI

FABIO WEINTRAUB

Desempregado há três anos
no país do futuro

Batendo perna nas ruas
com o mostuário de meias

Adivinhando
o signo da morena
o ascendente da loira

Jogando xadrez
assobiando um samba
coleccionando borboletas
descobrimdo a fórmula exata
da tinta para balão
(tinta que não racha
sobre a pele inflável)

Contra as determinações médicas
filando cigarro
fazendo piada com a perna
que pode ser amputada
louvando as próteses modernas
dizendo que morre antes disso
que não vai dar trabalho
que some de casa
vai pro asilo

Meu pai de novo ao volante
guiando o negro Landau

O velho e bom *batmóvel*
rodando sem freio ou cinto
o vento de Gotham no rosto
minha cabeça no banco de couro

Meu pai cantando alto
limpo e bonito como só ele
numa estrada clara
sem pedágio ou limite
de felicidade

A PARTIDA

BIANKA DE ANDRADE

Ora Circe,
ora Penélope.

Penélope, mas Circe.
Circe, portanto Penélope.

Mais Circe que Penélope.
Tão Penélope quanto Circe.

Penélope quando Circe.
Circe, embora Penélope.

Circe ou Penélope.
Penélope e Circe.

Nem Penélope,
nem Circe.

Mais que a água de Penélope e mais que o fogo de Circe, o poema "A partida" revela o desejo da poesia em traduzir a vida através da linguagem, símbolo de passagem em busca de uma poética radicalmente no rastro do tempo em que se vive: o terceiro milênio como a catarse ao vivo de seres partidos.

Bianka de Andrade coloca em prática o desejo de ser, ser a origem a partir do próprio nome e suas ascendências, a árvore de uma origem, mas sendo, ao mesmo tempo e espaço, a metamorfose do passado no espelho do presente a caminho do futuro. Bianka de Andrade é "a partida" da poesia em estado de poesia sendo poesia.

Wilmar Silva

O FOTÓGRAFO

RODRIGO GARCIA LOPES

Não perdia tempo com palavras
 “Você ama de verdade?”
 Nu, na sacada do hotel em Tanger,
 a propos de rien
 olhando a cena como quem celebra –
 Um copo de suco, cigarros, ideogramas chineses,
 cartões postais e fotografias
 espalhados numa mesa negra:
 o piano de Einstein
 tecia linhas de fuga
 formando espirais
 que desapareciam.
 Imagista obsessivo, ele havia penetrado
 no outro lado do espelho e saído
 à procura de Alice e do coelho da lua.
 “Previsão de neve no domingo”. No deserto,
 “tudo é *phanos*: essas nuvens distantes se
 elaborando
 e refletindo-se de volta
 no espelho da piscina”.
 “Você vem?”.
 Então fotografava o futuro, apreciava um processo
 de vir-a-ser, ondulações e o ar-reflexo das ondas
 depois de um corpo mergulhar.
 O mundo todo num clic.
 Arqueiro de Herrigel,
 a roleta russa do olhar
 dispara setas à deriva, em direção ao céu,
 revelando polaroides & esquizofrenia.
 Ruído de oceano e pássaros
 se mixando com as imagens

sem som do vídeo.
 Você imaginando a neve, breve,
 de novo caindo como antes,
 nossas faces se dissolvendo com os galhos
 agora distantes
 levados para sempre
 pela violência do vento.
 Tudo se solidifica.
 A linha do céu retém o último poente
 até que ele explode o índigo da noite.
 Ondas de oxigênio: um céu de seda.
 À velocidade do tempo, um aparelho
 condiciona o ar, umedece nossas vozes.
 Uma sucessão de flashes
 nos mixa com cartas e fotografias, brancas, numa
 mesa.
 As mesmas imagens
 voltam misturadas aos ruídos
 e a alucinação do real recomeça:
 o fotógrafo havia decidido
 se deixar levar pela fúria dos eventos, seguir
 as dicas sutis dos hieróglifos
 e recolher os dados em silêncio.
 Afirmar:
 os instantes não seriam mais
 tensos como antes mas
 intensidades,
 temperaturas, imprevisíveis
 retornos.
 (...)

Rodrigo Garcia Lopes nasceu em 1965.
 Estreou em 1994 com o belíssimo livro
Solarium, onde se encontra o poema “O fo-
 tógrafo”, aqui selecionado. É um livro com
 muitas vozes, muitos estilos, muitas inten-
 sidades, diversas velocidades. E essa mul-
 tiplicidade, com o tempo, parece continuar
 a se desejar múltipla, em vez de se “resol-
 ver” num modo ou numa voz, preferindo o
 conflito à pacificação, ainda bem. Não à toa
 Rodrigo batizou de *Polivox* o volume em
 que reúne boa parte de sua produção po-
 ética. E de todas as muitas vozes da poesia
 de Rodrigo, a que mais me toca e emociona
 é essa de “O fotógrafo”, desde a primeira vez
 que li o poema fiquei intrigado em como
 ele tinha conseguido chegar ali tão cedo,
 já no primeiro livro, nesse ponto de prosa/
 poesia e imaginação livre, mas toda feita
 de cartões postais, cigarros, neve caindo na
 TV. Disse o bom Sartre que “imaginar é dar
 ao imaginário um naco de real para roer”,
 Rodrigo sabe bem disso e nunca deixa que
 o imaginário se afaste muito desses nacos
 de real de que é feita a vida. É um poema
 maduro, belo, emocionante. Volto sempre a
 ele quando quero me sentir dentro de uma
 atmosfera especial da vida a que só tenho
 acesso por essas linhas de fuga que formam
 espirais.

Carlito Azevedo

EU CAMINHAVA ASSIM TÃO DISTRAÍDO

MAURÍCIO ARRUDA MENDONÇA

olha eu ando louco à procura
de um olhar que como o seu
me acalme um pouco
e eu possa chamar poema
salto de cervo
lua de outono

olha a parede se descasca
poeira em tudo o que fica
pense um pouco cinza de
cigarro tubo de caneta
não foi assim que eu te
ensinei a mentir tenho
febre algum tipo de dor
mas ainda que eu erre

olha velocidade é uma fissura
da juventude solidão é
um método maluco de saber
quem está dentro de você
quando a cidade inteira
te odeia mas
entre almas de jeans
você segue

olha nada na neblina além de
borboletas transando
estátuas se mexendo
pessoas que se esqueceram
de sorrir e você vai
se matando
de tanto dizer sim
mas

olha a chuva fina no asfalto
meu suor em sua pele
pra sempre

Como poema memorável escolheria “Eu Caminhava Assim tão Distráído”, de Maurício Arruda Mendonça (Londrina, PR, 1964), um poeta que precisa ser mais lido e conhecido. Este é um daqueles poemas que volta e meia voltam a minha mente. O poema dá título ao seu primeiro livro (Sette Letras, 1997). Para mim, é uma peça com versos contundentes, de rara beleza, que apresenta também um retrato de época, em que ainda se acreditava que a poesia poderia mudar o mundo. Em tempos em que o que parece importar é mais a pose do que a poesia, com poetas que não dizem absolutamente nada, com uma poética vazia e prosaica, o poema do Maurício mostra a capacidade lírica da poesia contemporânea brasileira. Não a toa, foi transformado em canção pelo compositor Bernardo Pellegrini, que a intitulou “Olha” (<http://www.youtube.com/watch?v=iYLknQsSoS8>).

Rodrigo Garcia Lopes

Há mais de quinze anos convivo com este poema de Maurício Arruda Mendonça e sempre que o releio (ou o escuto, na versão musical feita pelo compositor Bernardo Pellegrini) sinto um misto de encantamento e desconforto. Há nele um lirismo conciso, sutil, com imagens que resvalam a atmosfera do haicai (“nada na neblina além / de borboletas transando / estátuas se mexendo”) e uma vaporosidade habilmente construída. Lirismo e vaporosidade que dialogam mais com a poesia de e. e. cummings do que de Manuel Bandeira (penso, por exemplo, no poema de cummings, traduzido por Augusto de Campos, com seu derradeiro verso: “ninguém, nem mesmo a chuva, tem mãos tão pequenas”). Por outro lado, o poema de Maurício tem também um “espírito de época” acentuado — uma época de desencontros, de conformismos, de velocidade, de esvaziamento de sentidos. Esse espírito de época se insinua logo na primeira estrofe, se acentua nos versos “cinza de cigarro, tubo de caneta / não foi assim que eu te ensinei a mentir” (não sei se todos compreendem a sutileza) e evidencia todos os sinais (como um luminoso piscando na noite) no verso “e você vai se matando de tanto dizer sim”. Esse lirismo não-ingênuo (até uma certa nostalgia de grandes encontros, eu diria) e essa solidão urbana tão atual me encantam e me desconfortam. Tenho a impressão de que vou me lembrar deste poema até o fim.

Ademir Assunção

UM ABRAÇO

CAIO MEIRA

quando nos encontramos e nos abraçamos por apenas
alguns segundos, quando coloquei minha cabeça ao lado
da sua e o seu tronco por poucos instantes se colou
ao meu tronco, com minha mão pousada nas suas
costas, sobre sua pele, sobre sua coluna
vertebral, nisso que se define normalmente como um abraço
de cumprimento, de duas pessoas que não se veem há
algum tempo e por algum tempo se abraçam
para celebrar a alegria do encontro, do reconhecimento
do rosto, do corpo, da vida mútua, esse abraço
comemora, numa pequena intimidade, um encontro,
ainda que, de modo furtivo, um pequeno lapso de tempo, dois
ou três segundos, pouca coisa mais ou menos do que
isso, esse abraço que envolve meu tronco no seu tronco, de
onde brota o seu corpo, de onde nascem os seus membros
e por onde circulam fluidos e voltagens elétricas em
rajadas ínfimas regulando o tônus que dá integridade ao
seu corpo, que faz com que seu corpo esteja de pé,
na minha frente, comandando seus braços a se entrelaçarem
nos meus nessa configuração que caracteriza o abraço, esse e
qualquer outro, nesse abraço em que nossos corpos se tocaram
e que por poucos segundos senti sob a minha mão
suas costas, sua espinha dorsal e suas costelas sob meus dedos,
(...)

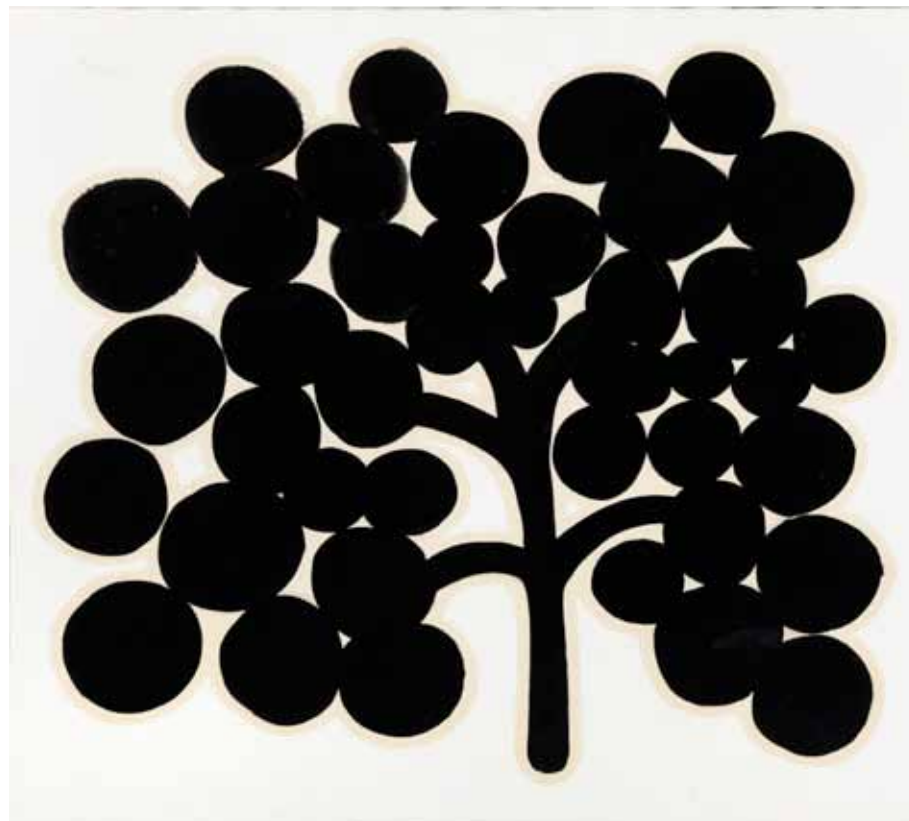
O poema que escolho como um dos que mais me têm causado impacto entre os escritos por poetas nascidos depois de 1960 é “Um abraço”, do livro inédito *Romance*, da poesia reunida de Caio Meira, que está no prelo. Em seu novo livro, entre outras coisas, o poeta se empenha por dizer – e diz – uma vida entre outras, uma vida qualquer entre outras, alguns modos cotidianos de vida entre outros, alguns acontecimentos vividos em algum momento por qualquer um entre outros. Trata-se de mostrar que os microacontecimentos de quaisquer modos de vida anônimos trazem consigo a força do pequeno, do mínimo, da singularidade de cada cotidiano. Em um encontro fortuito e furtivo ocorrido em qualquer lugar entre duas pessoas quaisquer que não se veem há muito, do qual e das quais nada sabemos, surge o belíssimo “Um abraço”, “para celebrar a alegria do encontro”. Com sua frase longa e única, com sua sintaxe retorcida a realizar o abraço do qual fala, somos abraçados por um gesto poético que, num lapso de tempo, libera em nós e para nós, a partir de uma fenomenologia para um abraço, a intensidade de um afeto que, gratuitamente, teima em insistir. Em “Um abraço”, comparece, de modo muito singular, o que obsessivamente é uma das maiores forças dessa poesia: a de ser uma poética do entrelaçamento.

Alberto Pucheu

TERNO

ANDRÉ LUIZ PINTO

Certa como a manhã que nasce
é a juventude que morre.
São horas frias e sombrias
entre alfaces e orquídeas
meandros de luz e um certo largo
de favela que espraia no morro
alto e incólume; este lupanar
que desde menino visito
nos sonhos, sob altas horas
este remédio que me visita aos domingos
mas não me corrige a gota.
Os pés inchados, a violência dos morros
minha vida já teve um destino maior
e as certezas eram quase unânimes
mas agora com a mentira estampada nos jornais
com o aumento do preço do cala-boca
a culpa é de todos, o vazio atravessa o quarto
às vezes pode ser um crime, mas me serve o terno novo.



De alguns poetas como André Luiz Pinto, Tarso de Melo e Paulo Ferraz tenho acompanhado a trajetória desde o primeiro livro. Todos têm um trabalho consistente e afirmam suas vozes a cada novo livro. De André Luiz Pinto, escolhi o poema “Terno” (*Terno novo*, 7 Letras, página 21). Atualmente, André Luiz Pinto faz doutorado na UERJ como uma tese sobre a Filosofia da Biologia.

André é autor de, entre outros livros, *Flor à margem* (Edição do autor, 1999), *Primeiro de abril* (Hedra, 2004) e *Ao léu* (Bem-te-vi, 2007). A poesia de André se caracteriza por uma sintaxe pedregosa, cheia de atritos com as palavras, pelo inesperado das imagens e do léxico, por uma tensão permanente de versos presos na garganta. Poesia com alta voltagem dramática e uma carga de hostilidade que faz o leitor ficar instigado e intranquilo diante do que se seguirá. Os poemas de André Luiz Pinto são soturnos, doidos, tirados da própria carne.

As suítes como “Índico” e “Em família” de *Terno novo* revelam melhor o fôlego do poeta nos poemas de maior complexidade e potência. Os poemas que iniciam *Primeiro de abril*, e que abrem com a citação do evangelista Marcos (Mar. 14 51-52), também são um ótimo exemplo e já foram muito bem analisados pelo crítico Eduardo Guerreiro. Entretanto, não cabem no espaço desta edição.

“Terno” é um poema menos enviesado, opta pela clareza, mas nele estão presentes características fortes da poesia de André. Os dramas particulares que formam uma intrincada teia que compõe o tecido social.

Donizete Galvão

MÚSICA

Rien, cette écume, vierge vers
Stéphane Mallarmé

a musa voluptuosa
pede passagem

e lhe damos —
prosa:

qualquer imagem
vale mais

que a floração sentimental de uma
rosa:

gás lacrimogêneo,
luto, melancolia,

estrofe, catástrofe,
catarse:

deposita-se, linear
(limpa e suja como um verso)
pela praia pedregosa da palavra
— esta espuma.

EDUARDO STERZI

Do livro *Prosa* (2001), estreia de Eduardo Sterzi no alvorecer do novo século, escolho o inesquecível poema “Música”. É uma peça que tem um quê de decisiva – para a formulação da poética do próprio autor e também como diálogo com a melhor lírica brasileira dos últimos 50 anos. Estão no poema, cristalizadas e devidamente deglutidas, as muitas leituras desse especialista em Dante (mas também em Murilo Mendes, Augusto de Campos e poesia contemporânea). Todas essas referências, no entanto, parecem servir menos como índice de erudição e mais como diálogo fecundo com a tradição, e da forma mais irônica e tardia possível: a lírica se imiscuindo naquela “prosa do mundo”, contaminando-se com ela, deixando a elevação para buscar não o prosaísmo banal, mas o entrechoque –quase terrorista, até – com a realidade. Por essas razões, e algumas outras, penso que este é um poema muito representativo em nosso cenário.

Leandro Sarmatz

IMAGINASSEM AS AMENDOEIRAS

EUCANAÃ FERRAZ

Imaginassem as amendoeiras
que estamos em pleno outono.
Vestem-se como.

Púrpura, ouro,
estão perfeitas como estão:
erradas.

Pudesse um poema, um amor,
pudesse qualquer esperança
viver assim o engano:

beleza, beleza,
beleza,
mais nada.

Para contar porque escolhi este poema (do livro *Desassombro*), começo pesquisando em minha caixa de e-mails as vezes em que o compartilhei com alguém. E o que eu queria dizer, marcar, festejar. O que encontro entre as mensagens são momentos de decisão, de expansão; de esperança.

O poema me volta sempre como uma lembrança da minha fé na beleza. E da vontade de transcender, que pressupõe erro, desvio, coragem. Assim, também representa liberdade e criação.

É um poema que me dá a mão, sempre ali um pouco além de onde estou. Perfeitas e erradas, além de qualquer engano, as amendoeiras do Eucanaã me ajudam a escolher.

Mônica De Aquino

DAS IRMÃS

MAR BECKER

I	II	III
1	por vezes minhas unhas crescem	regressam à mansão com lamparinas gravitando
luz,	mais que o habitual.	em torno da cabeça.
o que se esvai:	lembram as unhas dos mortos:	eixo dos satélites do fogo, da suprema
vermelha	inoxidáveis –	incandescência,
desce, molha,	ganchos onde eu poderia pendurar	elas: minhas irmãs mortas, gravitando em torno de seus nomes vazios.
(lava-pés).	tuas vísceras,	como se fossem dizê-los.
ei-lo: frágil, finíssimo	(o peso),	*
espelho –	levá-las de lá para cá,	a luz se despede do sangue.
subisse, pelo meio de si,	(o amor),	as minhocas descem para aquele continente
pela terrível escultura	como uma espécie de açougue	onde o silêncio se avoluma
de uma vulva.	ambulante.	e produz ecos.
sua delicada arritmia,	sabes, sou assim.	*
pássaros	tenho sonhos em que me transformo	"perdoa-nos", suplicam.
prestes	em lady zumbi.	(...)
a derramar o	*	
voo,	para cada homem deus ofertou um pedaço fálico	
(céu, seiva, sangue).	de sua ausência.	
	tu és um deles: não perdoo.	

A LUZ SE DESPEDE DO SANGUE

Marceli Andresa Becker é a voz mais interessante que surgiu na poesia brasileira nos últimos anos. Gaúcha, professora de filosofia e editora da revista eletrônica *Mallarmargens*, a autora vem publicando em seu blog, De ter de onde se ir (<http://deterdeondeseir.blogspot.com.br/>), fragmentos de um poema longo, assimétrico e descontínuo chamado Das Irmãs, composição a meio fio entre o relato confessional e a mais pura abstração, em que sons e imagens formam uma estranha e sinestésica pintura semântica. O poema apresenta cenas de mutilação, de simbiose monstruosa, de deformação ou transfiguração intencional de corpos e objetos: é um relato sobre a sexualidade, mas não apenas isso, aborda também o problema da identidade (duplicada na irmã misteriosa), da efemeridade da vida (a morte como única realidade inescapável). Não há uma lógica linear discursiva no poema, mas uma ratio caleiodoscópica, combinatória, mais próxima talvez de Mallarmé e de Rimbaud do que de Herberto Helder. A maneira como os signos apresentam-se, aproximam-se, transformam-se,

distanciam-se, obedece a um ritmo não apenas referencial, mas também plástico: nisso está a sua unidade. Admirável pelas sinestesias e metáforas como “a luz se despede do sangue./ as minhocas descem para aquele continente / onde o silêncio se avoluma / e produz ecos”, pelo brutalismo hellraiser de outras passagens -- “ganchos onde eu poderia pendurar / tuas vísceras,/ (o peso),/ levá-las de lá para cá,/ (o amor),/ como uma espécie de açougue / ambulante”, o poema incorpora ainda a ironia, o humor negro, o non sense e a teratologia, numa síntese de radical originalidade. A poesia de Marceli Andresa Becker é uma droga pesada, que nada tem a ver com milkshakes, jujubas ou patinhos de borracha. É uma vodka com alto teor alcoólico, para aqueles que amam a poesia como a mais radical experiência sensorial criada pela mente humana.

Claudio Daniel

A VIDA SUBMARINA

ANA MARTINS MARQUES

Eu precisava te dizer.
Tenho quase trinta anos
e uma vida marítima, que não vês,
que não se pode contar.
Começa assim: foi engendrada na espuma,
como uma Vênus ainda sem beleza,
sobre a pela nasciam os corais,
pele de baleia, calcária e dura.
Ou assim: a luz marítima trabalha lentamente,
os peixes começam a consumir por dentro
o sal do desejo,
estão habituados ao sal.
Quando vês, a água inundou os pulmões,
neles crescem algas íntimas,
os olhos voltam-se para dentro,
para o sono infinito do mar.
As mãos se movem num ritmo submerso,
os pensamentos guiam-se pela noite
do Oceano, uma noite maior que a noite.
Tenho quase trinta anos e uma vida antiga,
anterior a mim.
Daí meu silêncio, daí meu alheamento,
daí minha recusa da promessa desse dia
que você me oferece,
esse dia que é como uma cama
que se oferece ao peixe
(você não haveria de querer
um peixe em sua cama).
Quem atribuiria ao mar
a culpa pela solidão dos corais
pelas vidas imperfeitas
dos peixes habituados ao abismo,
monstros quietos
só de sal silêncio e sono?
Eu precisava te dizer,
enquanto as palavras ainda resistem,
antes de se tornarem moluscos
nas espinhas da noite,
antes de se perderem de vez
no esplendor da vida
submarina



Ana Martins Marques é uma das vozes mais interessantes da literatura contemporânea. Uma das vozes mais contundentes da poesia mineira. Escolhi este poema por tudo que estes versos trazem de maresia, de água, de fonte, por tudo que este poema carrega e traz das profundezas de um mar estranho, que é matéria e inspiração para mais poesia.

André Di Bernardi Batista Mendes

ÂNCORA

ANA MARTINS MARQUES

O sol percorre
toda a extensão de um muro

Riscos na paisagem
escrita a lápis

A rua começa desde a escrita –
esta em que te sigo

Este poema é uma âncora:
é para que você fique sempre aqui

Mas fogem as horas sem carícias
horas que são como um tanque de peixes

A minha mão cobre a sua
com sua sombra

Este poema, pesado, afunda.

Boa parte da poesia que fiz nestas três décadas de literatura foi inspirada por leituras de outros poetas. Comecei a escrever por culpa das bananas podres de Ferreira Gullar e da porção de azeitonas de Antônio Barreto. E me realimento e realinho lendo o que me provoca, me oferece ângulos outros, vistas raras, golpes secos, luzes na cara.

Nesse canibalismo necessário, gosto de alternar vozes e dicções masculinas e femininas. Para cada Bukowski, uma Hilda Hilst. Um Marcelo Dolabela leva a uma Rita Espescht. Um Leonard Cohen pede uma visita a Florbela Espanca. Um Affonso Ávila, uma Cecília. Um Chacal, uma Ana Cristina César. Um Sérgio Fantini, uma Ana Elisa Ribeiro. E la nave va...

Para escolher um poema, escrito por autor contemporâneo, passei noites sem sono em busca de um foco, um motivo, um mote. E optei por quem me ofereceu espanto como o do primeiro Leminski, o Pessoa da dedicatória que tira fôlego, a Adélia revelando sentimentos do mundo a Drummond, a partir de uma cozinha de Divinópolis.

E este tipo de impacto veio com *A Vida Submarina* (Ed. Scriptum, 2009), estreia da poeta mineira Ana Martins Marques que apresenta uma autora que, a partir do primeiro poema, captura o leitor pela garganta. E não larga nem depois da última página. Um bom exemplo de domínio de linguagem e exercício do poder de plantar espanto da poesia.

Kiko Ferreira

LUGAR

CARLOS AUGUSTO LIMA

há uma rasteira meteorologia
sobre imagem do móbile,
origami de garrafa pet imóvel.
tem gritos-silvos
o pega-pega violento das crianças
alguns tem parentesco com
[Cosme Chuvasco de
Rondó
tramam uma república arbórea.
o canto dos pentecostais ribomba
no quintal vizinho, glória e
[senhor
e salvação e louvor.
invento soletrar um hebraico
impossível
invento um gargarejo
[deprecatório
cínico.
o alarido na área de serviço.

tem corpo de canção de amor,
[ondas médias
opereta barata de anjos
[demoníacos.
amor e assado de panela.
amor é gorduroso.
ecos magoados pela área de
[serviço,
as ofensas partilhadas. as ofensas.
todos dormem em paz.
apenas um vento mudo lá fora
galhos ansiosos, floração tardia
movimento em câmara
[cinemascope
galos, ganços, uma rinha matinal
dizem dessa hora ter o sono
mais fundo. amanhece.
o dia de finados

Escolhi esse poema de Carlos Augusto Lima mas poderia escolher todo o livro *Vinte e sete de janeiro* [Lumme Editor (SP), 2008]. Livro, aliás, que salta – num gesto político de origem – como diferença em relação a todo o seu trabalho, que é quase sempre composto de não-livros, pequenos panfletos manufaturados de inoperação do poema e contra-movimento: “uma maneira de sair da maioria”. Faz libretos com 8 poemas, 3 poemas ou com 1 mesmo poema repetido 72 vezes menos uma coisa ou outra etc. Escreve uma impressão às avessas e se esforça para lançar sobre o poema o que pode ser a sua responsabilidade com a poesia: intensiva dimensão de insuficiência, guerrilha do mínimo e fracasso.

O poema “lugar” é o único que recebe título em todo esse livro que é, por sua vez, composto de 28 poemas ou de um só longo poema dividido em 3 partes. Assim é possível dizer que é muito mais um fragmento coeso ou uma respiração que ofega devagar. Com uma série de imagens da vida imprecisa, tal qual móveis de câmera cinesmacope, como sugere, projeta a paisagem aérea de um bairro pobre e incerto numa genealogia vazia. A vida se esmigalha por encanto entre crianças que brincam na rua – todas parentes de Cosme Chuvasco de Rondó –, uma república de árvores, um templo cretino para salvação e um amor gorduroso e magoado que escapa pela área de serviço. é por causa dessa “conversa descarçada” que a poesia responsável e silenciosa de Carlos Augusto Lima me interessa excessivamente.

Manoel Ricardo Lima

ONDE A DOR NÃO TEM RAZÃO

RICARDO RIZZO

Rosana perdeu um braço recentemente
(enquanto mergulhava)
e falta o rosto a Marcelo depois do acidente. Marina não tem útero, Cícero vendeu o baço, Débora rasgou os joelhos n'algum bar de estrada.
Verônica enterrou a língua junto com a avó
Eduardo decidiu tirar fora os incômodos dedos do pé que acumulavam sujeira.
Esses meus amigos vivem pedindo favores, do tipo
“me leve ao banheiro, me ponha à janela, alugue um filme”,
que eu recuso para mostrar-lhes a utilidade de cada parte do corpo em que vivemos.

No portal do século XX, a noção do uno, da verdade absoluta, da totalidade já havia sido demolida. O fragmento ganhou importância enquanto espaço de reflexão. A própria ideia de integridade do indivíduo foi substituída por um sistema interno de cisões e fraturas. No teatro do mundo, Fernando Pessoa construiu o seu drama poético, subdividindo o “eu lírico” em vários heterônimos, singulares inquilinos de um mesmo corpo. Mário de Andrade, que também experimentou a profusão do eu – “Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta” –, deu um passo além e, numa espécie de testamento poético, desejou-se esquartejado e confundido com a cidade: “Quando eu morrer [...] / Meus pés enterrem na rua Aurora,/ No Paissandu deixem meu sexo,/ Na Lopes Chaves a cabeça/ Esqueçam,/ [...] / As mãos atirem por aí,/ Que desvivam como viveram,/ As tripas atirem pro Diabo,/ Que o espírito será de Deus./ Adeus.”¹

Com todos os horrores do século XX, o colapso das utopias sociais tal qual vinham sendo gestadas e outros fenômenos culturais, a relação com o corpo mudou. Por um lado, como tantos outros valores, o corpo sofreu um processo de coisificação, mercantilização, sob muitos disfarces: da rebeldia e do fashion dos piercings e das tatuagens, até a venda de órgãos e a antiga prostituição, às vezes com nova roupagem. Por outro lado, esse mesmo corpo, vivo ou morto, passou a ser visto como suporte para diferentes manifestações artísticas.

Assim veremos, já entrantes neste século XXI, textos literários que figuram esse novo estranhamento do corpo. Domitila², conto de Verônica Stigger, num crescente, nos põe diante de um cenário devastador, em que uma jovem sente puro prazer em amputar metodicamente o próprio corpo, como se tudo estivesse dentro da mais morna norma social. Depois de um passeio de carro pela cidade, em que ela decepa várias partes do corpo, assim termina o conto: “Às 18 horas e 53 minutos, o namorado deposita Domitila à porta do prédio e vai embora. Domitila se arrasta pelas escadas que levam ao 3º e último andar. 49 minutos depois, Domitila bate na porta do apartamento de seus pais, onde mora. Sua mãe atende, se abaixa para beijá-la na testa roxa e diz: ‘Vai tomar um banho que o jantar já está quase pronto’. Domitila se arrasta até o banheiro. Despe-se com uma certa dificuldade. Pega sua gilete com a única mão e, com a inaptidão comum aos destros forçados a usarem a mão esquerda, concentra-se para fazer cortes profundos em torno dos mamilos de ambos os seios, bem em cima dos talhos que ela vem produzindo diariamente ao longo das últimas 3 semanas e 4 dias. Desta vez, a parte de cima do mamilo esquerdo entorna. Domitila sorri e pensa: ‘Mais uns dias, e eles caem.’”

O poema de Ricardo Rizzo escolhido, *Onde a dor não tem razão* (de *País em branco*, Ateliê Editorial, 2007), ao explorar a degradação do corpo alheio, ecoa Domitila (ou vice-versa). Intencionalmente ou não, pessoas vão se mutilando ao longo da vida. E, num diapasão tão absurdo quanto o do conto, ao final do poema, surpreende o cinismo do “eu lírico”, a falta de compaixão: sua categórica recusa em ajudar os amigos fisicamente incapacitados, por uma mera ausência de empatia com o “mal uso” que fizeram de si. Sem mais! Do ponto de vista de uma política utilitária do corpo, “que isso lhes sirva de lição”. Amarga representação do mundo contemporâneo.

Ruy Proença

¹Mário de Andrade, Lira Paulistana, em Poesias Completas, Livraria Martins Editora, 1974.

²Verônica Stigger, Gran cabaret demencial, CosacNaify, 2007.

MARIZE CASTRO

não escrevo como mulher porque não sou mulher.
sou um destroço que bóia. um relato lendário.
alguém que tem a dor nas mãos e negrumes secretos no sexo.
estou secando e ouço gritos.
uma desesperada louçã se anuncia:
– o melhor do mundo é não viver nele.

em um escabelo sento a contemplar uma sede sem fim.

mrs. dalloway, você está aí?
senhora d., posso chorar ao seu lado?
euricléia, quando eu voltar você me lavará os pés?
sra. ramsay, então o farol é isso, só isso?

em contínua tristeza os forasteiros vivem.

hoje dormi com batom nos lábios.
o cansaço era tanto que esqueci que também sou homem.
e não canso. e não choro. nunca.
deslindo-me e me desarrumo porque sou gaveta.
telhado.quase cratera. olhicerúlea.

ah, teseu, qual o tesouro secreto que o pai te revelou?

hades me quer. eu digo não. ainda não.
é urgente falar com tirésias.
ir de uma ponta a outra do tâmisa. sozinha.
com uma alegria insuportável.

em mim, femíneos simulacros:
macabéa, qual o tamanho da solidão dos domingos?
blanche, também já dependi da bondade de estranhos.
cabíria, você me ouve?
choro contigo o sentimento trágico da vida.
clitemnestra assassinou cassandra.
mesmo assim eu a amo.
amo as arestas. o que é subterrâneo:
plutão. dioniso. osíris.

estou respirando e tudo é silêncio.
não deslembro mais. simulo.
já sou pélagos.
poço. festim. mosaico.

esmerada forma de arder.

Esta é a página final de um longo poema da potiguar Marize Castro (1962), que compõe o livro “poço. festim. mosaico.”, publicado em 1996 (Editora da UFRN). A meu ver, este canto órfico – pois Marize fala desde mundos subterrâneos, onde os segredos da terra e os segredos do corpo vêm de forças míticas – ocupa um lugar especialíssimo dentro da nossa literatura como um dos cantos mais inspirados que a poesia brasileira já produziu. Essa matéria que se alimenta do que há de recôndito no poder dos mitos revivifica um sentido de originalidade que nem sempre, contemporaneamente, é acessado ou percebido. Todas as personagens dos abismos convocadas para esse poema, Euricleia, Clarice, Virginia, Ofélia, Clitemnestra, são materializações de forças sortilégas. A leitura de “poço. festim. mosaico.” literalmente nos abisma, é a certeza de encontrar ali isto que muitos julgam perdido, extinto, esquecido, mas que está vivo como nunca e tem a ver com o jacinto de Perséfone, a lira de Orfeu, o fio de Ariadne, os encantos de Afrodite.

Mariana Ianelli

O CUTELO

DIRCEU VILLA

São ossos. E às vezes, a banha amarela nos ossos;
e às vezes, o sangue vermelho nas unhas.
São porcos, ou são as cabeças dos porcos,
penduram num gancho as cabeças,
ou a cara de estúpida morte dos porcos
no vidro embaçado do açougue.
Ou o branco, mas branco embebido de rosa,
o sangue no sonho de tripas,
sonha o açougueiro: que empunha um cutelo.
E o branco avental que se banha
ou que bebe, o sangue que salta dos nervos
num abraço com ossos, onde vibra o cutelo,
e como brilha o cutelo que corta:
é essa a virtude do aço no punho, que sobe,
ou a ameaça na roda vazia que o prende
no espaço do açougue, visível aos olhos,
anúncio de corte. Ou espeta seu fio numa pedra,
e o único olho vazio se concentra, à espera da carne.
São cortes na pedra lanhada de sangue,
ou fendas, de onde a morte o espreita,
açougueiro no sonho vermelho, acariciando
o fio afiado, o sorriso sutil do cutelo,
que corta. E então o cutelo é outra coisa:
nem porcos, nem nervos, nem ossos,
nem mesmo o açougueiro que o sonha,
mas parte extensiva do braço que o vibra,
e parte indelével do que ele mutila,
o fio afiado, o sorriso sutil do cutelo, que corta.

Este poema de Dirceu Villa (de *Icterofagia*, Hedra, 2008) demonstra a capacidade de operar a escrita numa espécie de fluxo e refluxo entre significado e significante, na fronteira entre transparência e materialidade dos signos, com uma linguagem tesa que remete, neste caso, a uma poética quase expressionista, renovada. Neste “O cutelo”, é como se estivéssemos dentro da vertigem agônica de um porco de abate, com uma escrita permutacional em que palavras vão reaparecendo em novas configurações de sujeito e objeto, quase desestabilizando nosso aparelho vestibular, em tonteira-desequilíbrio, com jogos de linguagem que parecem o de uma câmera em filmagem giratória. É escrita substantiva, mas a concretude aqui não se baseia em secura ou economia veiculada em vocabulário desértico e tática minimalista, e sim em secreções e massa orgânica e riqueza de vocabulário eficiente, seja nos substantivos ou adjetivos, numa poética bastante corpórea. O aspecto sonoro do poema é muito bem trabalhado, e me parece um exemplo de equilíbrio entre melopeia, fanopeia e logopeia, mesmo que as duas primeiras talvez se sobreponham. Para mim, um dos poemas memoráveis dos últimos anos, e um dos meus favoritos no trabalho deste autor que vem se firmando como um dos mestres da minha geração, na acepção de Pound, que Dirceu Villa, aliás, traduziu também de maneira memorável.

Ricardo Domeneck

MARIANA BOTELHO

ESTUDOS SOBRE O SILÊNCIO

I

ficamos imóveis
diante do imenso
pássaro de pedra:

.
silêncio

sólido impassível belo

falamos
e ele assume-se leve
ave emplumada

num vôo de morte

II

n’algumas coisas o silêncio
canta

n’outras arde

em mim

III

no fundo da noite
o silêncio
canta

tarde
o escuro morre
ele agita a carne
morna e
voa –

essa ave
nua

Quando li "Estudos sobre o silêncio", de Mariana Botelho (*O Silêncio tange o sino*, Ateliê Editorial, 2010), revivi a calma, o sumo que guarda a tempestade que habita nossos morros, compassando o rumorejar das águas; o olhar transversal, o guizalhar dos grilos, o dobre dos sinos, a noite, a noite. E a palavra aérea, que se dissolve nessas minas, de Padre Paraíso a Pitangui. E a severidade da vida, entrecortada pelo vento que assobia o longe e semeia outonos na estridência da palavra, prenhes de silêncio e de sentido.

Dagmar Braga

UM PÍER
SOBRE O
SPREE

SIMONE HOMEM DE MELLO

tudo de terminal vem à traição

à nuca,
o fôlego
urgente

– tênue

saber quem por último sentido,
invisto: o outro faz-se inocular

se é água a desmarginar corpo
e anticorpo: algo imuniza,
úmido de preamar

quando súbito gatilho –
ambos serenados

e nem sequer chovia

O poema "um píer sobre o spree" (do livro *Extravio marinho*, Ateliê Editorial, SP, 2010), de Simone Homem de Mello, é a história do encontro de um homem e uma mulher, contada com poesia. Enquanto olha para o rio, ela recebe um beijo na nuca e, súbito, dispara-se o gatilho do desejo que, molhado, mistura-se com o rio e umedece o poema, o leitor. E nem sequer chovia.

Guilherme Mansur

UMA PONTE CORTADA AO MEIO

ANNITA COSTA MALUFE

uma ponte cortada ao meio
estar na beira do andaime estar
na ponta de um guindaste
no alto desta ponte cortada ao meio
desta ponte que um dia quem sabe
ligaria duas montanhas uma ponte
sobre o vale desdobrado em tons de verde
penso que estar na beira do andaime é
permitir lembranças que nos suspendem nos lançam
imagens que insistem e um cheiro imperceptível no ar
sempre uma ponte que se constrói sobre
um vale temporal infinito
infinitamente desdobrável em tons de verdes e então
o que se passa é a construção de uma ponte
que muitas vezes não se conclui e fica como esta
cortada ao meio uma ponta para cada lado
como dois braços que se esticam ao máximo
um em direção ao outro
um apoiado em cada lado do grande vale
sem conseguir se tocar



Annita Costa Malufe é dona de uma poesia intensa e exigente. Exige a atenção do leitor para poemas que se articulam como fluxos de pensamento e que parecem ensaiar reconstituições de mundos, paisagens, cenários simultaneamente físicos e mentais (ou emocionais). O poema escolhido, (de *Como se caísse devagar*, Editora 34), fala de um “vale temporal infinitamente desdobrável” e talvez isso sintetize a sua poética: um trabalho de desdobramento que se fundamenta na articulação entre pensamento e mundo material, que ao se debruçar sobre o objeto busca captar suas múltiplas faces e significações, o torvelinho que o compõe e em torno do qual o mesmo gravita. Escolher um poema de Annita neste livro é um desafio quase insolúvel pois embora independentes parecem formar uma rede simbiótica. Entre a vontade do infinito e a surpresa do inacabamento este poema fala do trabalho de composição da poeta, esta, ao meu ver, um dos nomes mais significativos da poesia brasileira nos últimos tempos.

Micheline Verunschik

PIAUI

MANOEL RICARDO DE LIMA

UM

goethe encontra hackert
em roma e pergunta
algo acerca da pintura
de paisagens. é 15
de novembro, 1786. diz
que hackert tem bom
gosto, diz que suas pinturas
parecem reais

212 anos depois
tombei um fusca num 15
de novembro. os 4 pneus
virados para o céu, era
verde. movi antes (interrompi,
imagino) a comemoração
cívica na avenida

a perna quebrada à altura
da coxa, o sangue escorrendo
pela testa, a cabeça aberta,
[uma
dormência e a impressão
severa: *a ruína de herculano*
escava o presente

antes de ir para nápoles
goethe fala de *ganimedes*
estendendo um cálice de
vinho a júpiter e recebe
um beijo, isto é uma troca.
[isto
parece uma erupção do
vesúvio, talvez pense. e como
é estrangeiro pode ser
arrastado pela correnteza

de lava, mas talvez um vulcão
guarde algo de presente

DOIS

goethe vai para nápoles:
vedi napoli e poi muori, dizem
por lá. alguém lhe conta de
vico, ele ri. há algo em vico
entre o bom e o justo, um
pó e uma cor cinza são
quase um convite para
ficar, um prazer

*estou bem, mas vendo menos
do que deveria*, ele diz. uma
imagem completa parece
pouco, muito pouco. sulcar
o rosto sem tempo e sem
vestígio: o fusca foi
para o ferro-velho rápido
demais. o vesúvio explode
outra vez

arrebentei o rosto e a boca
no tronco da árvore. espatifei
o pára-brisa, raspei a mão
direita pelo nariz, é
indiferente se estava inteiro
se alguém podia
aproximar e dizer alguma
coisa como: *você está bem*

*ou você não parece ter índole
alemã*

TRÊS

goethe visita o sopé do
vulcão, e anota: algumas
[coisas
acontecem por hábito e outras
porque confiamos nelas, como
nos guias - *lieber freund, wie
magst du starrend auf das leere
tuch gelassen schauen?* -, por
fora as pequenezas e o mundo
dentro do menor espaço
possível, como um
fusca verde

a história é contra a
natureza, o fusca partido ao
meio e a árvore intacta: uma
paisagem é mínima e sem
[efeito
no vapor de luz, nos contornos
apagados e sem memória da
vida, como um acidente logo
na primeira hora da
manhã enquanto se ouve
uma canção que diz *a
primavera que espero*

É um poema de ação. Jacob Philipp Hackert, alemão, decidiu ir para a Itália e lá ficou até morrer, pintando muitas paisagens. Um dia, Goethe, numa viagem que também mudaria sua vida, foi para Itália e, antes de voltar, não só conheceu Hackert como dele se tornou amigo e dileto aluno de desenho. Segundo as contas, em 1998, o dono da voz que conjuga os verbos na primeira pessoa interrompe as comemorações da proclamação da república com um acidente. Verde era o carro contra o azul do céu. A tela mencionada de Hackert é verde e azul. Ver Nápoles e depois morrer: o vulcão explode. Goethe vê o vazio e o carro está de pernas para o ar. A perna e o rosto estão sangrando, não se trata nem da perna nem do rosto de Goethe, nem de Hackert. De Goethe o que sangra ou sangrará são os olhos, apenas os olhos. É um poema sobre descompassos e sobre afinidades. O vulcão explodiu, mas o que fica para a gente é só o vazio, porque a história é contra a natureza e também contra a música do Lô Borges que o motorista distraído estava ouvindo antes do encontro especial. Não voltar mais ao Piauí. Hackert morreu, para ser preciso, em Florença. E, contra a história, a tal música termina assim: "Jogarei no ar/ Por qualquer sinal/ Não me espere não/ Por que já fui,/ Não sei...". É a voz do vulcão falando. Os amigos alemães, que nunca estiveram tão longe de casa, conseguiram ouvir. É um poema muito bonito sobre uma música, sobre um vulcão, sobre saber ver e sobre ir embora.

Leonardo Gandolfi



HEITOR FERRAZ MELLO

O ninho se forma
com as palmas das mãos
Acendo o cigarro
que rapidamente acende
o rosto do homem
que pedia cigarros
E é como se o rosto
se incendiasse
por um minuto
destacando todos
os caminhos da pele
O ninho efêmero
se desfaz em fissura
e o homem volta
a se recostar
nas ondas
numa porta de aço.

Nascido em Puteaux, na França, em 1964, Heitor Ferraz Mello é autor de livros de poemas que marcam um percurso muito singular dentre os poetas de sua geração. Heitor faz versos que falam, conversam, tecem ou perseguem com palavras os “transtornos” que assaltam o poeta. Essa poesia, que se irmana da fala, opta por caminhos que, durante as décadas em que Heitor vem publicando, são insistentemente bloqueados pelo discurso apressado da “inventividade” que implica superação de tudo o que dela difere. Heitor, ao contrário, não se excita com a ruptura pela ruptura, mas sim procura, digamos, linhas de continuidade poética para problemas que o homem está longe de superar, desafiando, a partir daquilo que chamou de “falta de traquejo/ com as coisas do cotidiano”, uma poesia que denuncia profundo desconforto existencial e social. Toda a obra de Heitor até aqui, iniciada com *Resumo do dia* (1996), atenderia aos critérios desta edição do SLMG, e talvez por isso seja tão difícil, para um leitor aficionado de seus poemas, escolher um que faça correr até os livros e desvendar o universo do poeta, que inclui, após o livro de 1996, os poemas de *A mesma noite* (1997), *Goethe nos olhos do lagarto* (2001) e *Hoje como ontem ao meio-dia* (2002), todos reunidos ao inédito *Pré-desperto no volume Coisas imediatas* (2004), e ainda *Um a menos* (2009). Mas se o desafio aqui é indicar um poema, entrego ao leitor um dos “&”, da série que abre e dá título a seu livro mais recente. Neste poema, ao redor da bela imagem do ninho feito com as mãos para proteger a chama do isqueiro, Heitor explora na breve cena urbana – como é recorrente em sua obra – a comunhão fugaz que o cigarro permite entre o poeta e o mendigo, antes que se restabeleça a distância que o poema, ao flagrar, deseja superar. Deseja.

Tarso De Melo

Dias assim (8)

O que te mata é este cigarro
pela manhã, a cadeira
dentro de um quarto cercado de rojões
A noite foi infernal, com helicópteros
e berros, a máquina de lavar
tremendo o soalho da casa
A torcida rompendo as janelas,
já não tem mais o que falar,
é uma festa que invade o estofado
da cadeira, o peso compacto
do corpo, que perfura
como uma faca os ouvidos
É um jorro discursivo que te atropela
que trava os dedos, centrifuga,
diante do botão de enxágue.

É difícil selecionar apenas um poema diante da ampla produção da poesia brasileira contemporânea. Gosto, por exemplo, da peça nº 8 da série “Dias assim” de Heitor Ferraz Mello: acho que o poeta fez escolhas interessantes no corte dos versos que impõem – com o auxílio das vírgulas e ausência do ponto final entre as orações – um ritmo quebrado para o “jorro discursivo”, estruturando verbalmente o próprio barulho descrito no texto. Além disso, o poema consegue formalizar certo material histórico premente a partir de uma experiência individual (expondo, inclusive, seus próprios limites): os sons da “noite infernal”, que remetem a manifestações da violência urbana, invadem os móveis da casa e o próprio corpo do sujeito que, contudo, percebe que aquilo que “treme o soalho” é sua máquina de lavar – imagem do medo quase atávico de cidadãos comuns dos grandes centros brasileiros que adquire estatuto metalinguístico nos versos que encerram o poema.

Renan Neuernberger

CORRA DE OLHOS FECHADOS

DANILO MONTEIRO

Corra de olhos fechados como um filho da puta
nesta praia deserta
porque tudo se desintegra às suas costas
e você sabe,
dentro de instantes o Departamento do Patrimônio
Histórico da sua mente selecionará os rostos,
paisagens e sensações que deverão ser tombados
a qualquer custo,
a mão do carrasco tem um carimbo onde se lê “sublime”;

corra de olhos fechados e grite se possível como um
filho da puta,
e pule nesta brecha sem abrir os olhos nem
parar de gritar,
uma coluna de ar que sustenta um espaço vazio,
ou isto
ou um lento suicídio.

Como escolher, de toda a produção de poesia brasileira dos últimos 20 anos (mesmo com a delimitação secundária da idade dos autores, que devem ter nascido de 1960 em diante), apenas um poema? Não é precisamente nas relações com outros poemas, do passado (como memória), mas também, talvez sobretudo, do presente (como comunidade), e quem sabe até do futuro (como desejo), que qualquer poema singular ganha seu verdadeiro sentido? Tento, então, dar um significado mais preciso para a palavra impacto, que nomeia o critério que deve nortear minha eleição. Interpreto-a, etimologicamente, como designação do efeito daquilo que vem de encontro a mim e tem o poder de abalar a percepção que tenho das coisas (da própria poesia, mas também do mundo e dos seres que o habitam). O grande problema é que todo poema digno desse nome – toda obra de arte, quando é arte, e especialmente quando já se dispõe a deixar de sê-lo e aspira a outra coisa (vida, ou seu contrário) – age assim, seja com violência, seja com sutileza. “Força é mudares de vida”, diz o torso arcaico de Apolo a Rilke (aqui, na tradução magistral de Bandeira). Fico com o poema (de *Hoje outro nome tem a chuva*, Azougue, 2004), de Danilo Monteiro, que li há anos, antes mesmo de sair em livro, e que tive a honra de publicar na revista Cacto, de que fui um dos editores, e que ainda não parou de me desconcertar. Mas se anote que, ao fazê-lo, deixo de fora outros textos que também têm tal potência desordenadora, como “No botequim”, de Sérgio Alcides (cujo refrão “Oiti, oiti” – no qual também escuto o Outis, “Ninguém”, que é o outro nome de Odisseu – volta e meia retorna ao meu ouvido interno), “Boca da noite”, de Ruy Proença (cuja figuração dos jovens, na academia de ginástica, “berrando como javalis de seita” impede-me de ver outra coisa quando passo por um desses templos), “Assuntos”, de Tarso de Melo, “O coração dos homens”, de Veronica Stigger, “História sentimental do teatro”, de Leandro Sarmatz, “Pai”, de Fabio Weintraub, “Uma mulher limpa”, de Angélica Freitas, “Coisas putas emitem luz”, de Pádua Fernandes, “H.”, de Carlito Azevedo...

Eduardo Sterzi

SUPLEMENTO

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Superintendente do SLMG
Diretor de Apoio Técnico
Diretor de Articulação e Promoção Literária
Agência
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável

Antonio Augusto Junho Anastasia
Eliane Parreiras
Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Traço Leal
Plínio Fernandes
Conrado Rezende
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney
Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz
Martins do Santos, Mariane Macedo Nunes (estagiária)
Marcelo Miranda – JP 66716 MG

**Textos assinados são de
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br



Capa: Solange Pessoa



POEMAS DE:

Alberto Pucheu (1966)
Amarildo Anzolini (1970)
Ana Martins Marques (1977)
André Luiz Pinto (1975)
Angélica Freitas (1973)
Annita Costa Malufe (1975)
Bianka de Andrade (1985)
Caio Meira (1966)
Carlito Azevedo (1961)
Carlos Augusto Lima (1973)
Cláudia Roquette-Pinto (1963)
Danilo Monteiro (1974)
Dirceu Villa (1975)
Douglas Diegues (1965)
Edimilson de Almeida Pereira (1963)
Eduardo Sterzi (1973)
Elisa Andrade Buzzo (1981)
Eucanaã Ferraz (1961)
Fabio Weintraub (1967)
Fernando Fábio Fiorese Furtado (1963)

Fernando José Karl (1961)
Flávio de Castro (1975)
Heitor Ferraz (1964)
Iacyr Anderson Freitas (1963)
Manoel Ricardo de Lima (1970)
Mar Becker (1986)
Mariana Botelho (1985)
Mariana Ianelli (1979)
Marize Castro (1962)
Maurício Arruda Mendonça (1964)
Monica de Aquino (1979)
Paulo Ferraz (1974)
Ricardo Lima (1966)
Ricardo Rizzo (1981)
Rodrigo Garcia Lopes (1965)
Ronald Polito (1961)
Simone Homem de Melo (1969)
Tábata Morelo (1989)
Tarso de Melo (1976)